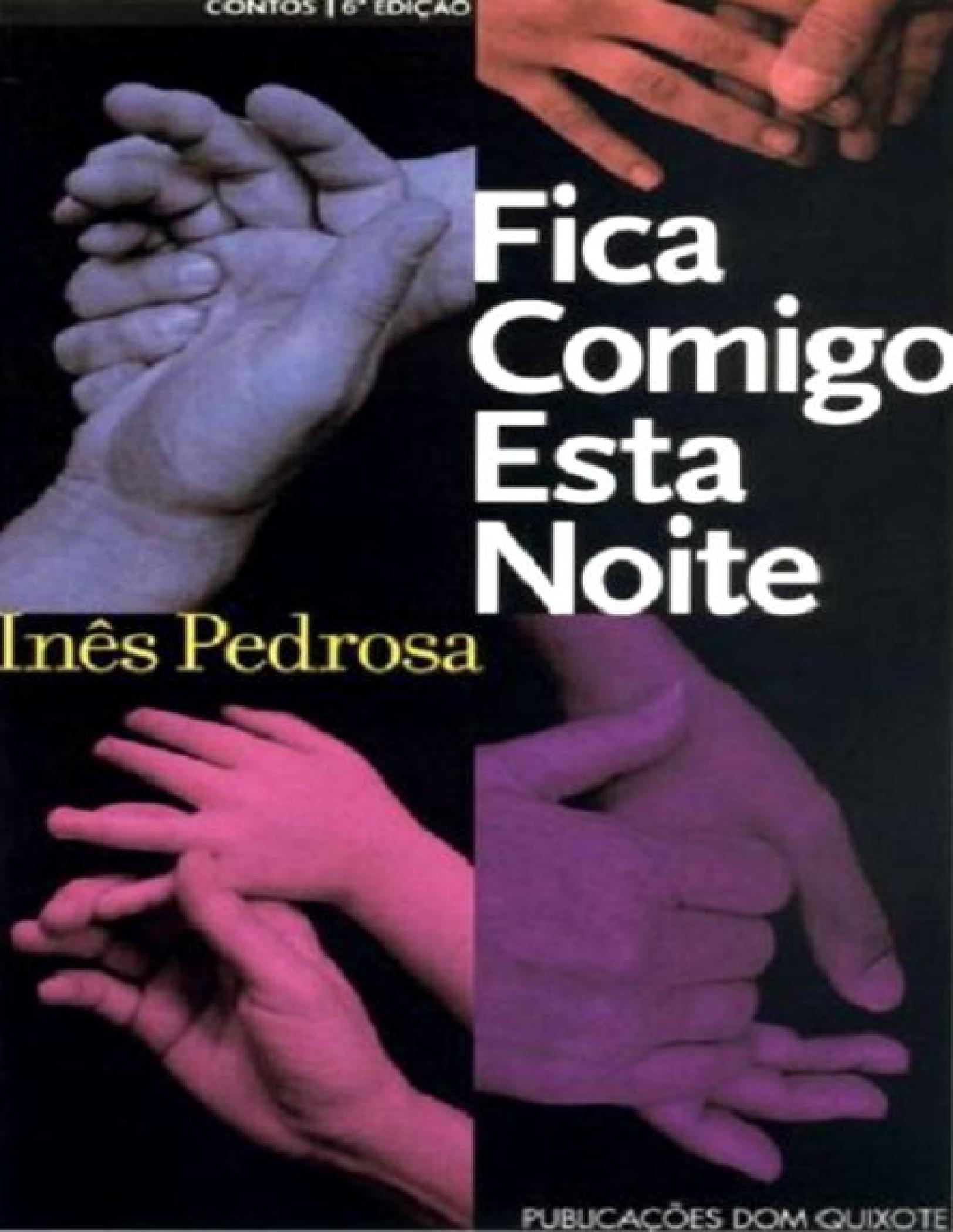


CONTOS | 6ª EDIÇÃO



# Fica Comigo Esta Noite

Inês Pedrosa

PUBLICAÇÕES DOM GUIXOTE

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

# FICA COMIGO ESTA NOITE

*Inês Pedrosa*

Círculo dos Leitores

ISBN 972-42-3313-8

Capa: Tiago Cunha

Licença editorial por cortesia de Publicações Dom Quixote Impresso  
e encadernado para Círculo de Leitores  
por Printer Portuguesa

Casais de Mem Martins, Rio de Mouro  
em Dezembro de 2004  
Número de edição: 6291  
Depósito legal número 218 444/04

## ANTES E DEPOIS DE TODAS AS HISTÓRIAS

Este livro não existiria sem a Patrícia Reis, porque a história que lhe dá título e várias outras foram-me encomendadas por ela para a revista *Egoísta*.

Todos os meus livros nasceram de uma profissão de fé do Nelson de Matos, que me telefonou, nos finais da década de oitenta do século passado, para me dizer: «Quando escrever o seu romance, eu gostava de publicá-lo.» Todas as minhas histórias tentam merecer essa fé, que é hoje acima de tudo a história de uma bela amizade.

Em cada história que escrevo moram todos os meus mais íntimos e temíveis críticos, pessoas que me obrigaram e obrigam muitas e muitas vezes a não desistir. São eles, por ordem cronológica de entrada em cena, Fernando Dacosta, António Mega Ferreira, Jorge Colombo, Maria João Guardão, Paulo Alves Guerra, Fernando Pinto do Amaral e Helena Matos.

Estas doze histórias nasceram particularmente dedicadas a doze amigos, porque os amigos são musas e anjos-da-guarda inesgotáveis: no caso, Alberto Porlan, Amy Yoes, Dulce Reis, Eduardo Prado Coelho, Fernanda Fragateiro, Gloria Mengual, José Francisco Feição, Maria da Conceição Barbas, Maria Irene Crespo, Paulo Nogueira, Pedro Borges e Urbano Tavares Rodrigues.

E gostaria de ler cada uma destas histórias ao meu irmão, Ricardo Pedrosa, em voz baixa, numa das inúmeras noites que temos atravessado de mãos dadas, até que ele adormecesse a sorrir, como quando era mais pequenino do que eu.

## SÓ SEXO

Enquanto os nossos camaradas celebravam nas ruas, nós fabricávamos o amor a partir do zero, no deslumbramento silencioso de um deus que subitamente descobrisse as coisas de que era capaz. Amávamo-nos como se o amor fosse apenas um suplente íntimo dessa revolução que nunca mais chegava. A revolução já tinha chegado, mas nós não sabíamos. Só em Junho de 1974 se lembraram de nós, fechados naquela casa clandestina. Muitas vezes, ao longo da minha vida, desejei que nos tivessem esquecido ali para sempre. Desejo ingrato, infantil. Tive uma vida boa. Consegui ser a advogada que queria ser, cobrar bem aos ricos para defender melhor os pobres. Encontrei um homem que entende o amor como partilha absoluta—nunca senti o peso do trabalho doméstico ou da educação dos filhos. Tive dois filhos que só me trouxeram alegria e serenidade, e tenho já um neto que parece um reclame sobre o brilho da vida. E tive-te, atrás do espelho, todas as manhãs da minha vida. Porque foi sempre para ti que me quis bonita, mesmo nos dias escuros. E em ti que penso, quando escolho a roupa ou escovo o cabelo, todos os dias. Na possibilidade de te encontrar, no acaso de uma esquina. Lisboa é tão grande e tão pequena—porque não havia de te encontrar? Queria ser a mesma, nesse encontro. A mesma, com a luz das rugas que me faltavam no tempo em que nos metíamos por dentro do corpo um do outro como se sozinhos fôssemos apenas pedaços de um corpo mutilado.

Adormeci todas as noites da minha vida nos teus ombros estreitos de adolescente eterno. Nunca foste bonito, mas possuías um não sei quê de juventude ancorada que te tornava imediatamente comovente. Usavas e abusavas desse não sei quê. Não acreditavas em nada, vivias num aquário de sonhos impossíveis que fazia de ti um anjo negro, abismo de lágrimas congeladas. Eras ardiloso, sorrateiro e impaciente como as crianças; cruzaste-te comigo duas vezes em reuniões de célula e pouco depois fecharam-nos juntos naquela casa clandestina. Nem sob tortura confessarias que tinhas movido os teus cordelinhos para ires viver comigo. Entre o segundo encontro e a nossa definitiva «coincidência no mesmo espaço», como

diria a Madalena, perita em justificações espaciais, o teu íntimo amigo António descaíra-se, numa noite de copos. Ralhou-me por causa do meu namorado imberbe e pequeno-burguês e revelou-me que tu me achavas linda e lastimavas que eu nem sequer olhasse para ti. Esta curta e embriagada confissão em diferido mudou a minha vida. Provavelmente encomendaste-a, nunca o cheguei a saber. Quando, há meia dúzia de anos, fui ver o António ao hospital, encontrei-o tão próximo da morte que já não tive coragem de esclarecer os bastidores desta frase minúscula que mudou a minha vida inteira. Não quis que o António percebesse que era ainda para o ouvir falar de ti que precisava dele.

Depois de sairmos da casa, deixaste de me procurar. Creio que te fazias encontrado comigo, mas como eu também me fazia encontrada contigo, nunca cheguei a ter a certeza de que, de facto, me procuravas. Repetir-me-ias muitas e muitas vezes que não eras talhado para a vida conjugal. «Mas nós já vivemos juntos», disseste eu, uma vez, desesperada. Sorriste, e era um sorriso tão meigo quanto sarcástico—ou pelo menos assim me lembro dele: «Só por necessidades imperiosas da revolução.» De outra vez disseste-me que, na vida real, eu não aguentaria uma semana contigo. Ou talvez eu tenha inventado que tu me disseste isto. Pouco importa. Posso ter inventado tudo, menos o fulgor perfeito dos nossos corpos juntos. Uma vida inteira não basta para apagar da pele o peso magnífico desse fulgor. Só sexo, disseram-me as amigas íntimas, quando eu ainda chorava com elas a saudade do êxtase. Só sexo, fogo e palha, talvez tenham razão. Mas é disso que trata a vida, a minha vida: só sexo. Contigo. O prazer que o meu corpo conhece é o que aprendeu no teu, e foi esse que o meu corpo ensinou aos outros homens, aos vários em que tentou enganar a tua ausência, ao único que soube contornar a tua ausência para permanecer em mim. Todas as noites me acaricio com os teus dedos, fecho os olhos e sugo os teus dedos sob o contorno dos meus e conduzo-te pelo meu corpo como tu me conduziás. Todas as noites rebolamos da cama para o chão e do chão para cima da cómoda do teu quarto e para a mesa da sala e para as lajes frias da cozinha, todas as noites percorremos abraçados a casa velha onde já não moras, a casa velha que se calhar já se desmoronou

sem a nossa ajuda. Todas as noites tu entras em mim por todas as portas, a tua língua silenciosa desperta vertigens desconhecidas nas partes secretas das minhas orelhas e das minhas pernas e dos meus pés. Todas as noites sinto o castanho dos teus olhos grandes dissolvendo-se nos meus com uma felicidade quente, imensa, vejo os teus quadris estreitos de rapaz dançando sobre o redondo do meu ventre, das minhas nádegas, todas as noites os teus dentes mordem o meu pescoço no sítio exacto em que o meu corpo guardava a última fechadura, todas as noites volto a subir a esse monte dos vendavais só nosso. Só sexo, seja.

Tantas vezes te pedi: «Diz-me que me amas, diz só uma vez. Mesmo que seja mentira. Diz-me. Só para eu guardar o som da tua voz a dizer essa palavra.» Tinha vinte e três anos, e tu tinhas vinte e nove. Depois dos trinta, deixei de te fazer declarações de amor. Julgava-me madura, artilosa—pensava que bastava prescindir das palavras para não te perder. Mas não eram as minhas palavras que te perdiam. Tu eras um pintor e já não ias ser pintor. Lias nos meus olhos que já não ias ser pintor. Só com o tempo foste lendo o resto, o resto dos restos que era tudo: que eu sabia que tu eras pintor. O artista do meu corpo secreto, uivante, um tecido de fios de luz que só os teus dedos acendiam, e rios, rochas, relvados amaciados pela tua língua, uma asa à medida do teu voo, uma casa em que tu moravas de todas as maneiras. Falavas pouco, quase nada, por isso me lembro tanto das tuas palavras todas: «Este apartamento já conheço, podemos passar ao outro?», perguntaste. Se eu contasse às minhas amigas que as tuas palavras eram estas, apenas estas, sussurradas com um sorriso trocista de timidez, elas fariam troça de mim. De nós. Por isso contei apenas o essencial: que tu me fazias sentir bela. Que conseguiste que eu me sentisse bela a vida inteira.

De cada vez que o espelho me anunciava mais uma marca do tempo, mais uma prega na carne, eu acariciava-a com os teus dedos, sentindo o prazer que tu sentirias, ao descobrires novas rotas no mapa do meu corpo. No início, dizias-me também às vezes: «És tão nova.» Não era um elogio; havia um tom de decepção ou desencontro nesse teu comentário. E eu tinha pressa de encarquilhar,

de envelhecer até ficar parecida com as mulheres que amaras antes de mim. Nunca me elogiaste.

Encontrávamo-nos por causa do Partido, levavas-me para tua casa, com os pretextos mais nevoentos—um debate político na televisão, o ofício que ias entregar no ministério—e quando fechavas a porta começavas a beijar-me. As pálpebras, o lóbulo da orelha, a curva do pescoço ou o espaço entre os dedos. Só sexo. Nunca começavas como nos filmes. Também nunca perguntaste essas patéticas deprimentes que as pessoas copiam dos filmes: «Foi bom?»

Saí do consultório e pensei que tinha de te encontrar. Não sabia como. Há pelo menos vinte anos que não tenho o teu telefone. Um dia desisti de ti. Tive medo de deixar de fazer parte do mundo, de continuar sozinha contigo, só sexo. Conheci um homem que seria indigno trair, um homem que me seduziu porque era o oposto de ti. E decidi ser feliz. Sei vagamente onde moras, ou onde moravas, há cerca de cinco anos cruzei-me com a tua mulher numa festa e percebi que ela dizia: «desde o meu divórcio». Claro que podia estar a falar do seu primeiro casamento. Mas como mudou de assunto assim que me viu, pareceu-me que só podia estar a falar de ti. Nunca fomos apresentadas, eu e a tua mulher, ou ex-mulher. Mas eu sei que ela sabe muito de mim. Os olhos da mulher de um homem que nos ama são indiscretos. Também nos olhos dela encontrei o teu amor por mim. Amor não é a palavra exacta. Amor é o que eu sinto pelo meu neto, pelos meus filhos, pelo pai deles, até pelo meu cão. Pobre cão. Se calhar vai deixar de comer quando eu morrer. Vai ficar sentado à porta, esperando por mim até à morte. Os cães não conhecem a morte, por isso podem morrer de amor. Ficam à espera até ao fim, não se deixam consolar.

Tu tens alma de cão vadio, sabes amar sem desconsolo. Se fosses morrer daqui a dois ou três meses, como eu, saberias fazer-te encontrado comigo? Talvez soubesses.

Da última vez que te vi—há nove anos, no cinema - aproximei-me para te pedir um cigarro e dissete, mesmo antes de ti: «Que disparate. Deixaste de fumar há uma semana, bem sei, desculpa.» «Como é que sabes?», perguntaste-me, atónito. Sorri, encolhi os ombros, não cheguei a responder-te. Como é que eu sabia? Ora, como sei tudo de ti. Através dos sonhos. Agora sento-me no café em

frente ao ministério, à espera que tu saias e venhas ter comigo. O ministério mudou de nome, mas de certeza que tu ainda lá trabalhas. Sempre foste um homem de hábitos e nunca cultivaste grandes ambições. Peço uma bica e começo a fazer contas. Oxalá a tua ambição tenha sido pelo menos suficiente para te afastar da pré-reforma. Também não te imagino em casa, a fazer palavras cruzadas o dia inteiro. Do Partido desististe muito antes da moda da renovação.

Cinco e trinta e cinco. Lá vens tu, de pasta na mão, com o mesmo andar sorrateiro, falsamente tímido, de rapaz antigo. Entras no café. Levanto-me. Os teus olhos crescem e iluminam-se para me ver. Acaricias-me o cabelo, e dizes: «Tens outra vez o cabelo muito comprido.» Isto é um elogio. Nem tu sabes ainda como me vai ser útil esse teu elogio, nos meses que faltam. Comprarei um cabelo igual para tu veres. Neste, ainda o meu, quero que mexas. Prendo-te a mão ao meu cabelo. Falamos de coisas soltas, bebes uma cerveja, prometes uma vez mais que um dia me ensinarás a gostar de cerveja. Depois pegas na pasta e perguntas se por acaso não quero ir até lá a casa ver umas fotografias dos tempos antigos. Fechas a porta e começas a beijar-me, primeiro os olhos, depois o lóbulo da orelha, depois o pescoço, enquanto os teus dedos me abrem a camisa e me procuram os seios. Beijamo-nos de olhos abertos, como sempre, e é de olhos abertos que procuro cada uma das novidades do teu corpo, os sítios onde a tua pele dobra, o cheiro agora mais adocicado do teu sexo. Entramos um no outro de olhos abertos, como se mergulhássemos num mar de silêncio e fogo escuro. A meio da noite peço-te que me deixes ficar contigo um mês—«só um mês, prometo. Posso?». Não me respondes, claro. A não ser que os beijos sejam uma resposta, e eu preciso de acreditar que sim. Preciso dessa vida verdadeira que escondi debaixo da tua pele, antes que o cabelo me caia, antes que comecem os enjoos e as dores, antes que o meu corpo seja tomado pelo cheiro miserável da doença. Talvez para morrer eu precise do amor e da família. Mas para acabar de viver, só preciso de ti, desta febre azul a que os outros chamam só sexo.

## A RAPARIGA DO VERÃO PASSADO

A luz desce sobre o pátio, pouso nos amores-perfeitos, aquece as laranjas, empurra o gato para baixo do tanque, espreguiça as sombras pelo deserto da tarde. No último Verão, a rapariga enchia o bairro de música e movimento. Agora, ninguém a vê ou ouve. O baloiço do alpendre foi desmontado; ainda lá estão os buracos dos pregos. As paredes da casa são rosa-velho, mas precisam de uma pintura. Um par de andorinhas de gesso guarda o portão do quintal. Este Verão é o primeiro em que a rapariga raramente está em casa. Às vezes vem um rapaz buscá-la de mota. Mas não muitas vezes, só algumas tardes de domingo. O rapaz entrega pizzas ao domicílio. No Inverno, em *part-time*, no Verão, a tempo inteiro. Quando não sai com ele, a rapariga apanha a camioneta na esquina da rua principal, três quarteirões abaixo, com duas amigas. Já tem autorização para ir à praia sozinha, o que não acontecia no ano anterior. Teria doze anos, no Verão passado. Tinha um aparelho corrector nos dentes e o costume de espremer a acne. «Não espremas a porcaria das borbulhas, senão ainda ficas marcada», era uma das frases que a mãe costumava gritar-lhe. A outra era: «Baixa o raio da música.» Então a rapariga batia com a porta e vinha para o pátio, com o aparelho de tocar Cds debaixo do braço. A música dela saturava o ar a qualquer hora do dia.

Em especial quando a proprietária da vivenda branca, do outro lado da rua, estava em casa. A senhora da vivenda branca que ficava em frente da casa da rapariga gastava uns cinquenta anos modernos, desses que parecem trinta dos do século passado. Vestia fatos de calça e casaco de bom corte, de linho ou fazendas leves, em cores de terra, do bege ao verde-musgo que era a cor dos seus olhos. Porte eficiente, passo firme, despachado. Saía para o passeio a protestar e a rapariga berrava ao som da música, mexendo elaboradamente o rabo, de forma a que parecesse já ter curvas nas ancas. O marido da vizinha arrastava a mulher para dentro, pedindo-lhe que por amor de Deus não desse escândalo. A raiva da vizinha escoava-se em soluços pelas janelas abertas: «Putá, putá, aquela putá quer

desgraçar-nos. Está-se a fazer a ti e tu gostas, não me mintas.» A rapariga tirava subitamente o disco, e o eco daquele choro acusatório atravessava todo o quarteirão: «Putá, putá, putá...» Depois a palavra diluía-se num caudal de lágrimas e o zumbido das cigarras sossegava de novo, temporariamente, a tarde.

O casal que morava na vivenda branca tinha dois filhos. A casa fora desenhada pelo pai, desenhador técnico de profissão, que se orgulhava de trabalhar havia trinta e dois anos na mesma empresa. Mais do que desenhada, a casa fora praticamente construída, tijolo a tijolo, pelo seu dono. Levava tempo, muita paciência e sacrifícios «Todos os fins-de-semana, durante dois anos, e as férias, sempre aqui a suar, a suar, a vida não era como agora», explicava aos filhos —mas tinha valido a pena. Nenhum dos pormenores do conforto contemporâneo fora esquecido: mosquiteiros nas janelas, vidros duplos, um sistema inteligente de iluminação do corredor que se acendia e apagava automaticamente à passagem das pessoas.

«Tudo como deve ser», repetia, ufano, o desenhador técnico.

A mulher do desenhador ficara contente com o início da construção no lote de terreno fronteiro à sua casa. «Finalmente, vamos ter vizinhos. Terrenos vazios são um perigo, só atraem lixo e bicharada.» Mas o casal jovem à espera de bebé que entrara de mãos dadas na casa das andorinhas de gesso começara a desentender-se logo após o nascimento da criança, havia treze anos. Por fim, o jovem pai desaparecera sem deixar rasto. Ninguém o vira sair com malas, ninguém ouvira gritos nem portas a bater. A jovem mãe meteu baixa da escola onde dava aulas e conseguiu reformar-se pouco tempo depois. Nunca entrou em pormenores sobre a separação—limitava-se a sorrir e, em caso de grande insistência, dizia que ficar sozinha com a filha tinha sido a melhor coisa da sua vida. Porém, não dava grande atenção à filha. Traduzia romances policiais, passava dias a fio ao computador. Este caso dera muito que falar entre a vizinhança.

De quem nunca ninguém falara, em todo o bairro, fora da família da vivenda branca. A família do desenhador era a referência fundadora do estilo de vida pacato que fazia o encanto do bairro. Os primeiros a instalarem-se. Um casal sólido, pais de dois rapazes bem

orientados. Agora os rapazes moravam na cidade, onde, como os pais insistentemente sublinhavam, «tiravam os seus cursos superiores». No primeiro ano vinham a casa de quinze em quinze dias, depois começaram a espaçar as visitas. Agora praticamente só vinham nas férias—e eram umas férias curtas, umas semanas, se tanto. A mulher do desenhador começou a usar as saias mais curtas e os saltos mais altos, o que lhe dava um andar desengonçado.

Um dia, a rapariga pôs-se a ler ostensivamente um famoso romance erótico, sentada no muro, diante do nariz da mulher do desenhador, que teve um ataque de fúria contra o marido. «Escusas de negar, que eu sei muito bem que aquele livro é teu, foste tu que lho deste. É uma edição antiga, com capa diferente da que anda agora à venda—mas tu pensas que enganas quem, hem? Olha que eu não suporto que me tomem por parva, percebes?» O desenhador negava todas as acusações, com uma voz imperturbável. Gostava agora muito de cantarolar. Assim que a mulher virava costas desatava a cantarolar. Além disso, passou a fazer uma hora de *jog. ging* matinal, ao sol, à chuva ou ao vento.

As mulheres mais novas murmuravam que a culpa era da andropausa do desenhador. As mais velhas acusavam a rapariga da casa cor-de-rosa, ou a mãe dela, que, na opinião delas, não a soubera educar. Os homens apontavam a menopausa da mulher do desenhador como grande causa de todo aquele alvoroço, uma tempestade num copo sem água. Porque na realidade, segundo eles, nem sequer se passara nada. «Quando muito, terá havido um romance platónico», dizia o filósofo residente do café da rua de baixo. Toda a gente sabia que platónico era tudo o que não fosse crime nem metesse sexo, mas a maioria dos vizinhos considerava a mera hipótese de um romance inocente rocambolesca em demasia.

Até porque a garota, para dizer a verdade, não era nenhuma estampa. Nem o desenhador, poder-se-ia acrescentar: os anos tinham-lhe levado todo o cabelo em troca de uma barriga insuflada como uma bola de praia. Mas não se acrescentou. Entre as leis fundadoras do código implícito da macheza encontra-se a que determina que homem que se preze não comenta o físico de outros homens. Só aparentemente se trata da afirmação de uma

heterossexualidade absoluta. De facto, este silêncio piedoso dos homens sobre os homens acaba por resultar num louvor à infinita capacidade de sedução masculina.

Já as mulheres não praticam esta inquebrantável cumplicidade. De maneira que acabaram por concordar com os homens: a mulher do desenhador amalucara com a menopausa e procedera injustamente em relação ao seu suave marido. Até porque a garota que supostamente transtornara o homem era gordinha, desajeitada e tinha o nariz avermelhado por uns restos de acne.

A meio de uma manhã, no fim do Verão passado, uma camioneta de mudanças estacionou em frente à porta da vizinha e, debaixo da supervisão dela, levou a mobília toda da casa: o conjunto de sofás azul-petróleo, as estantes brancas, as várias mesas de vidro, a televisão panorâmica e a televisão do quarto dos rapazes, a *PlayStation*, a aparelhagem sonora, as camas dos rapazes, a cama de ferro do casal, as máquinas de lavar roupa e louça, os candeeiros de pé, a bicicleta de ginástica. Uma dúzia de caixotes com livros e discos, outros tantos com loiças. A rapariga assistia, do primeiro balcão do seu baloiço, o tijolo com o volume no máximo.

Agora, quando está em casa, a rapariga passa muito tempo ao espelho, a provar roupa. Não gosta de se ver com nada, não consegue ficar parecida com nenhuma das manequins que imita. Mesmo assim, está mais magra do que no Verão passado. Usava o umbigo de fora, sem se preocupar com o colar de gordura infantil enrolado sobre as *jeans*. Agora emagreceu um bocado, mas não destapa o umbigo.

Quando o marido da vizinha chegou, naquele fim de tarde do Verão passado, a rapariga estava sentada sobre o muro, com uma minissaia de sarja branca e um *top* vermelho, a ouvir um *rock* agressivo. Ele nem olhou para ela. Entrou em casa, saiu uma hora depois, nunca mais foi visto no bairro. Uma semana mais tarde, no muro do quintal da casa branca, afixou-se o letreiro «Vende-se». O letreiro continua ali, mas já mal se distingue.

— O grupo de artistas murais do bairro não resistiu ao convite daquela superfície desabitada. E, à noite, fazem concursos de tiro ao vidro. Quem partir mais tem direito a um maço de cigarros inteiro.

Mas é durante o dia que a casa parece fantasmagórica; o quintal cheio de lixo, o tanque de pé partido que serve de maternidade aos gatos vadios, as portas rachadas. À noite os drogados abrigam-se nos quartos abandonados, a cintilação dos isqueiros ou dos cigarros humaniza o sítio. As pessoas têm medo de que um cigarro mal apagado provoque um incêndio na casa, a meio da noite, um fogo que possa contagiar-se às outras vivendas do bairro. Mas têm ainda mais medo de hostilizar os drogados com queixas à polícia e sofrer as consequências dessa hostilidade. No café ainda se fala da família da vivenda branca. De como de repente, inexplicavelmente, aquelas pessoas deixaram de ser uma família. Sem que houvesse propriamente escândalo. Nem sequer o confortável desespero de uma certeza.

Roubaram-lhe o computador às três da madrugada, quando estava sentado numa paragem de autocarro a escrever. Mateus gostava de passear a pé, sentia a inspiração aproximar-se a cada passo. Depois sentava-se e escrevia, de forma caótica, as ideias e frases que lhe tinham ocorrido. Do outro lado da rua, a padaria da esquina ainda existia, com a mesma porta de vidro, agora com a moldura enferrujada. O cheiro do pão acabado de fazer, ao romper da manhã, era uma das boas memórias da sua infância. Sempre que olhava para aquela porta o cheiro voltava, como um vento alegre. As personagens encontrar-se-iam naquela padaria, estava decidido. De repente Mateus tinha uma navalha apontada ao peito, dois tipos feiçosos que diziam: «Passa para cá a máquina, sem estrilho, ou ficas já aqui.» Viu-se esfaqueado, morto em sangue no lixo da calçada, teve saudades do filme que agora já não ia a tempo de fazer. Gostava tanto da Junqueira, sentia-se sempre seguro no silêncio nocturno daquela rua aparentemente infinita. Nunca se cansava de olhar para o reflexo da Lua e dos candeeiros nos carris e nos fios dos eléctricos. Morara ali durante a primeira meia dúzia de anos da sua vida e decidira que o seu filme começaria naquela rua, antes do nascer do Sol. Ainda tentou amaciá-los: «Oh, meus, dou-vos a narta toda que tenho, deixem-me o portátil, preciso dele para trabalhar, e foi a velha que mo deu, vai ficar lixada comigo...» Nada. Um *Mac* última geração, uma bomba, superartilhado - a mãe e o pai tinham-se

quotizado, havia poucos meses, para lhe oferecerem essa máquina que ele não podia pagar.

Não queriam que lhe faltasse nada—ainda por cima era um bom filho. O melhor amigo dos dois. Compreendia-os. Desde pequeno que lhe contavam tudo, para que ele soubesse que podia contar-lhes tudo. Tratavam todas e cada uma das namoradas dele como filhas. Depois esqueciam-se dos nomes delas ao ritmo a que ele próprio os esquecia. Tratava-se de uma família sincronizada no grau mais suave do esquecimento. Por isso ficavam tão bem nas fotografias das revistas especializadas em amores felizes: a mãe e o filho junto a uma árvore de Natal frugalmente decorada com bolas baças, vermelhas e prateadas; o pai e o filho, sorrindo, numa retrospectiva da Cinemateca; ou a mãe e o pai, sentados na esplanada do Teatro D. Maria, explicando como tinham conseguido manter-se amigos depois da separação. Serenamente. E preservando sempre a intimidade da casa, que nunca mostravam.

Maria Eduarda, a mãe de Mateus, era uma das maiores actrizes da sua geração, com uma versatilidade de gato. De resto, adorava gatos, colecionava-os, mesmo: pedia a cada amante que lhe deixasse um, ao partir, e baptizava-os com os nomes dos homens antigos da sua vida—«por uma questão de memória», dizia, «parece-me que a ausência de memória é a grande *questão* do nosso tempo». Gostava de palavras em latim e ideias de vanguarda, a mãe de Mateus. E da Bíblia, que lia de forma heterodoxa. Educara o filho para a plasticidade e para a aceitação da diferença. Confiava-lhe tranquilamente os seus problemas sentimentais; quando decidiu separar-se de Vítor, o pai de Mateus, foi o filho o primeiro a saber dessa decisão, e combinou com ele a melhor forma de dar a notícia ao pai. Sempre *en souplesse*, como Maria Eduarda dizia. Também gostava muito de palavras em francês. Vítor bebia muito, e um dia Maria Eduarda cansou-se dos seus ataques de mau uísque. Nunca se tornara violento, isso não—soltava uns gritos a despropósito, e depois chorava desabaladamente. Maria Eduarda apreciava a sensibilidade nos homens, desde que não chegasse ao ponto do choro descontrolado: «Será uma falha de educação minha, decerto, mas a ideia de um homem está para mim ligada a solidez, protecção.

Amo muito o teu pai, amá-lo-ei sempre, mas não consigo viver com ele.» Mateus compreendeu tudo, perfeitamente. Como também compreendia que o pai se sentisse só ao lado de uma mulher que vivia sobretudo no palco. Compreendia-os perfeitamente, sobretudo porque tinha a sorte de já não ser da geração deles: uma geração que se empolgara em grandes utopias, que resistira à ditadura e depois se vira confinada a um quotidiano sem glória. O primeiro livro do pai, *Sonhos Selvagens*, tivera um acolhimento estrondoso. Fora publicado no início dos anos setenta, e a crítica considerara-o «o Kerouac português». Depois disso, Vítor Ramos Forte não voltara a publicar. Tornara-se comentador político e havia vinte anos que, segundo dizia, andava a escrever «uma espécie de *Os Maios* contemporâneo, que faz o balanço da nossa geração perdida». Mateus telefonou ao pai: «Vítor. Oh, pá, desculpa acordar-te a esta hora. Não sei que faça. Gamaram-me o *Mac* agora mesmo. E o dinheiro. Dois gajos, aqui na Junqueira. Podes vir buscar-me?» Vítor foi. Pelo caminho sentiu-se feliz. Gostava de atravessar Lisboa de madrugada; os lagos amarelos de luz no deserto das Avenidas Novas, a melancolia suave dos letreiros apagados do Vává e do Quarteto, os solavancos do velho Bairro Alto, onde a noite parecia não ter fim. Pensou que aos vinte e sete anos nunca se teria atrevido a acordar o pai a meio da noite, e a ideia de que o filho ainda chamava por ele quando se via aflito causava-lhe uma agradável sensação de triunfo pessoal. Mateus voltava-lhe de novo a casa. Há dois anos tinha-se apaixonado por uma mulher mais velha, bidivorciada e com dois filhos, e quase desaparecera. Estava nas nuvens, ria-se das dificuldades. Passava os dias a filmar congressos e conferências ministeriais para um canal de TV, mantendo a força necessária para ir trabalhando no seu filme, até que o subsídio aparecesse. Quando acabou o estágio no canal entrou num limbo auspicioso: o dia todo entre vídeos e o ecrã do *Mac*, a trabalhar no projecto. Cada vez menos atento a Clara, e menos ainda aos dois petizes. Que não se via toda a vida atrás de uma câmara a filmar uns tipos de fato a apertar mãos, para ir ganhando a vida. Ainda se o enviassem para uma guerra qualquer—mas isso era só para as estrelas, ou então comprava-se feito ao estrangeiro.

Vítor achou que o filho estava a crescer. Gostava de se ver nele, mas em melhor. Se não tivesse casado tão cedo, talvez Vítor já tivesse escrito o romance que se esperava dele. Ávida obrigara-o a desistir dos seus projectos para sustentar a família. A vida, e a revolução: na quente década de setenta, só um misantropo podia escapar ao apelo da cidadania—quem seria ele, se tivesse recusado o convite para subsecretário de Estado, que lhe permitia contribuir para a melhoria das condições de vida do seu povo? Mateus crescera em liberdade, estudara no estrangeiro, acabara por decidir que o que procurava não se achava em nenhuma escola. Era um miúdo que sabia o que queria. Vítor via em Clara uma ameaça de estagnação—primeiro a casa, depois viria o automóvel, mais crianças, o estatuto, um cão e um jardim. Nunca disse isso a Mateus, só à ex-mulher. Maria Eduarda, com o tal sentido de previsão das mulheres, explicara-lhe que Mateus acabaria por sair sozinho daquela prisão, desde que eles não fizessem ondas: «Sobretudo, não podemos dar-lhe o bónus de um amor contrariado. Foi por causa disso que nós nos casámos a correr, lembraste?» Não, não se lembrava. Lembrava-se apenas que o mundo parecia, naquela época, feito do toque da pele dela, da cor das gargalhadas dela, um lençol sedoso de paixão. Lembrava-se apenas de amar para lá de todos os limites, em alucinada felicidade. Lembrava-se sempre mais do que era conveniente, e calava-se.

Vítor encontrou o filho sentado na beira do passeio. «Levaste tempo, porra. Estava aqui a pensar—achas que conseguiram sacar-me dinheiro do cartão?» O cheiro do carro do pai acalmou-o, como sempre. Foram à polícia apresentar queixa, passava das quatro e meia da manhã quando chegaram a casa. Vítor disse a Mateus que perdera o sono, e que lhe estava a apetecer uma conversa na varanda até ao nascer do Sol. Mateus estava cansado, mas encolheu os ombros e aceitou o uísque que o pai lhe deu. Vítor tinha sido um grande apoio, na confusão dos últimos meses, desde que o sorriso de Clara se tornara cada vez mais previsível, e uma vaga decepção começara a tomar conta de todos os seus projectos. Agora já não tinha muito que conversar: deixara Clara e sentia que, a pouco e

pouco, a criatividade pura em que precisava de viver estava a regressar.

«Está bem, Vítor, mais um copo. Que preciso mesmo de descanso. Amanhã vou ver os Óscares a casa duns gajos. Mas se queres desabafar, 'bora.» Vítor só queria companhia. Perguntou-lhe se o projecto do filme estava a andar bem, e se queria ir com ele a um colóquio no Porto, no fim-de-semana seguinte. Não lhe apetecia ir sozinho, e ia ver a mãe de Maria Eduarda, entristecendo num lar de luxo, sempre com tantas saudades do neto, que nunca via. Mateus disse que não lhe calhava mesmo nada; tinha combinado com uns amigos uma ida até ao Alentejo.

«Qualquer dia morro, filho. E depois vamos os dois ter saudades da vida que não partilhámos.» Vítor já não tinha pais, e a solidão da ex-sogra parecia-lhe cada vez mais próxima. «Vítor! Que conversa. Todos vamos morrer, ninguém sabe quem vai primeiro. O que é que é isso, chantagens emocionais? Se eu vou lá, a avó começa a chorar e a queixar-se de que ninguém gosta dela. Deprimente, não estou nessa. Ouve lá, quase me esfaquearam há bocado.» Falaram do filme. Mateus desistira de escrever o argumento, e tudo o que escrevia por estes dias eram pedidos de subsídio. Repetia ao pai que a escrita, como arte autónoma, tinha os dias contados, por exaustão de sentido. O que interessava, agora, era reciclar e apropriar para a escrita todas as matérias que a excediam, a cor, a imagem, numa sobreposição de registos comunicantes. O filme que ele havia de fazer seria isso mesmo: uma colagem cubista de mundos, que pudesse interpelar, não o espectador, mas a pluralidade de perspectivas de todos os potenciais espectadores. Para isso era preciso resistir à linearidade e a todo um conjunto de dogmas seculares—história, enredo, acção, suspense, emoção—que haviam embaciado a capacidade de criação/recepção dos seres humanos. Vítor não tinha dúvida de que o filho era um génio. Por isso lhe era tão fácil convencer amigos influentes a pagarem-lhe os projectos; acreditava no que dizia do filho—e a fé torna-se irresistível, sobretudo em épocas de pouca fé. Uma das coisas que lhe tinha dado mais prazer nos últimos anos tinha sido a angariação de fundos para a revista que o filho lançara, em conjunto com a filha de

um poeta consagrado e com o filho de um capitão de Abril. *Abrupta* — a revista que rompe todos os paradigmas começara com o patrocínio de um banco e de uma empresa de cosmética. Como as pressões comerciais se tivessem tornado excessivas para os objectivos da revista, Mateus dissera ao pai que tinha que conseguir um financiamento menos careta. Vítor procurara então outros amigos, e arranjava um subsídio do Estado. Tratava-se de uma publicação cultural de periodicidade deliberadamente irregular (como a vida) que apostava na multidisciplinaridade e na diferença. Divulgavam projectos interactivos, tudo o que curto-circuitasse a tradicional definição de cultura e de autoria, confiantes num génio geracional muito superior à mera soma dos talentos individuais.

Mateus não conseguia admirar o pai, e isso incomodava-o. Considerava-o fraco, um tipo do passado, incapaz de se mover mentalmente no novo universo da liberdade. Um linear, ainda: toda a vida apaixonado por uma só mulher e por meia dúzia de ideias e fidelidades. Mas a forma como Vítor aderira ao que lhe dizia, num amor cego e tantas vezes gaguejante — como se Mateus fosse a última causa heróica do mundo —, enternecia-o. Vítor não conseguia despegar-se do passado. Dia a dia ele lhe aparecia mais refulgente, na última lágrima de cada garrafa.

«Gosto de te ter outra vez em casa, filho. Nunca me habituei à solidão. Mas também não consigo imaginar outra mulher no lugar da tua mãe.» Vítor invejava os amigos que se queixavam da dificuldade de empurrar os filhos para fora do ninho. Mateus suspirou: «Não sabes fechar portas. A Maria Eduarda é história. Arquiva. E não te preocupes tanto comigo.» Os óculos dourados do pai cintilavam com os reflexos da luz da rua. A barba parecia mais escura, como no tempo em que Mateus era pequeno.

Mateus disse que se ia deitar. Vítor pediu-lhe que casse só mais meia hora, até que o Sol acabasse de nascer. «Tens medo do escuro?», riu-se o filho. «Tenho. Se ficares comigo compro-te um computador novo igualzinho ao que te roubaram.» Mateus voltou a rir-se: «Estás com os copos. Dás-mo se quiseres, se não, eu cá me arranjo. Boa noite.» À luz da casa de banho, a estátua africana do corredor parecia sorrir misteriosamente. Mateus lembrou-se do jeito

que a Clara tinha de manter a calma e de ficar calada, mas com um sorriso, uma tarde inteira. Gostou de ter ainda essa recordação: sem pormenores destes não se consegue filmar nada de bom. Vítor ficou à varanda enquanto o Sol varria as últimas sombras da noite, entoando uma canção de embalar de que já não recordava as palavras. Era qualquer coisa sobre estrelas e anjos que enxotavam papões, qualquer coisa simples, repetitiva e agora impossível, presa apenas por uns farrapos de música.

## A CABELEIREIRA

«Bem-aventurados os mansos, porque possuirão a Terra.»

*Evangelho segundo São Mateus, 5, 5*

Faz bem em cortar o cabelo. Eu também gosto mais de cabelos curtos. Pelo corte do cabelo vê-se quem é a pessoa. Se tem imaginação, capacidade de melhoria. Um cabelo comprido não tem ciência nenhuma; se for bonito, é porque nasceu assim. É uma questão de sorte, e a sorte não diz muito da pessoa. Não lhe pertence. As mulheres têm medo de cortar o cabelo por causa dos homens. O meu pai deixou de me falar, a primeira vez que eu cortei o cabelo. Ficou um mês inteiro sem me dirigir a palavra, a dar-me desprezo. Nunca mais o deixei crescer. Às vezes ele perguntava: «Então, rapariga, esse teu cabelo nunca mais cresce?» E eu dizia que não, que devia ser doença. Aparava-o todas as semanas. Foi aí que decidi que queria ser cabeleireira. Ele dizia que era castigo divino, que o Senhor me castigava assim pelo pecado da vaidade. Que eu não podia desfazer-me da beleza que Deus me oferecera sem o irritar. Eu nunca quis irritar ninguém. Em minha casa toda a gente falava baixo. A minha mãe dizia que a delicadeza é a coisa mais importante da vida. «Se fizeres felizes os outros, serás feliz também», dizia ela. Por isso, quando o meu tio começou a dar-me beijinhos na boca às escondidas, eu deixei. Das primeiras vezes virei a cara, disse que não queria, mas ele chamou-me má, «menina má, pões triste o tio que gosta tanto de ti», e então eu deixei, para não ser malcriada. Ele tinha uma boca grande, molhada, pegajosa como um polvo. Eu tinha quatro ou cinco anos. Depois começou a mexer-me no corpo, subia com os dedos por dentro das minhas cuecas e eu dizia «não gosto, tio, desculpe, não gosto, desculpe» e ele ria-se e dizia que não desculpava nada, que eu não tinha que gostar ou não gostar, que as meninas pequenas não têm opinião. A minha mãe dizia-me isto muitas vezes, que as meninas não têm opinião. Quando eu dizia que não gostava da sopa, ou que não queria ir a casa dos tios, por

exemplo. Ou quando me levava às vacinas e doía. «Há coisas que fazem doer mas fazem bem aos meninos. Os crescidos é que sabem», dizia ela. Por isso, quando o meu tio começou a fazer-me doer eu não me revoltei. Queixei-me um bocadinho, chorei sem fazer barulho. Devia ir nos meus oito anos, nessa altura.

E se fizéssemos madeixas? Disfarçava os cabelos brancos e dava-lhe brilho. Eu acho que ficava muito bem. Mais nova. Uma mulher que se preze tem que ser sempre nova. Pelo menos era o que o meu marido dizia. Uma vez encontrei-o na cama com uma daquelas raparigas do *Tempo*. Daquelas que aparecem de umbigo à mostra para dizer que amanhã vai chover «junto ao interior». Gostava de saber que lugar é esse, junto ao interior. O meu marido era muito bonito, a culpa não era dele. Tinha dois lagos em vez de olhos, um azul e outro verde, como aquela lagoa dos Açores, das Sete Cidades. Só quando se enfurecia é que ficavam os dois da mesma cor, de um azul quase transparente, cheio de uma luz que metia medo. Nunca me fez impressão ter medo dele. Quando o conheci ele estava a gritar com uma pessoa, no estúdio de televisão. Atrapalhei-me, deixei cair as pastas que trazia na mão, ele desatou a gritar comigo também. Que não aguentava mais incompetentes, desastrados, moles, preguiçosos, que o país estava cheio de gente assim. Invejosa e cinzenta. Os papéis espalharam-se-me todos no chão, ajoelhei-me para os apanhar, e ele continuou a descarregar sobre mim: «Vá, grite, você também. Diga que eu sou um grosseirão, que tenho a mania!» Levantei a cabeça, olhei para ele e disse: «Eu nunca gritei com ninguém.» Depois apanhei o resto dos papéis e fui-me embora, a chorar.

Chorava sobretudo por hábito. Gostava da sensação quente das lágrimas. Acalmava-me. Sempre que me sentia à beira da fúria, ou do desespero, o meu sangue estremecia, a garganta fechava-se e começava a subir-me aos olhos aquela onda pesada de água escura, como que derramada de um caldeirão fervente. Deixava de ver claro, as lágrimas em onda fazem uma barreira que impede o choro, uma névoa grossa que paralisa o corpo. No limite da sufocação, as lágrimas começavam a libertar-se, devagar, uma a uma. Gostava de prolongar esse limite até um extremo de tontura. Como se caísse em

câmara lenta sobre a espiral da minha tristeza, perdendo todos os sentidos. As vezes parecia-me que podia morrer assim, afogada num mar de lágrimas invisíveis, num segredo sem exposição. Mas a vaidade das lágrimas acabava sempre por vencer, brilhando como uma chuva lenta de diamantes sobre o meu rosto. Diamantes de lume, que aquecem a pele e arrefecem o espírito. Sempre foram essas as minhas melhores jóias. As mais preciosas. Devolviam-me à vida e, às vezes, à compaixão dos outros. Sentia como cada uma delas se formava, sentia o esforço que faziam para se separarem da onda espessa de raiva. Dezenas e dezenas de gotas lutando pelo glorioso destino de sulcar um rosto, uma só vez. Cada lágrima era uma vitória sobre a prisão da fúria. Saboreava-as, uma a uma, carícia trémula como um dedo de anjo descendo-me até ao pescoço, morrendo-me em sal nos lábios, ou em água no peito. O choro amacia a pele, rejuvenesce-a. Aproxima-nos das crianças. E às vezes comove os outros. Os homens comovem-se com o choro das mulheres, desde que não seja muito repetido. Foi esse o meu erro; não soube dosear as lágrimas. Estava viciada nelas.

Mas da primeira vez resultou. Ele mandou-me um ramo de rosas com um cartão a convidar-me para jantar. Apaixonámo-nos. As pessoas perguntavam-me: «Como é que tu conseguiste seduzir um homem tão bonito?» As pessoas olhavam para mim e ficavam genuinamente espantadas. Eu não me ofendia, estava demasiado orgulhosa para isso. Sim, eu sabia que tinha a cara demasiado comprida, as gengivas e os dentes salientes. Cara de cavalo, chamavam-me na escola. Mas ele chamava-me raio de sol e gostava dos meus joelhos ossudos, dos meus braços desengonçados, do meu corpo monótono, sem formas. Zangava-se comigo se eu dissesse estas coisas de mim. Zangava-se e eu acreditava. Acreditava que todas aquelas mulheres esplendorosas que o acompanhavam antes de mim eram enganos, um caminho de fogos-de-artifício tristes que o conduzira até à luz verdadeira que era eu.

Acreditamos naquilo de que precisamos, não é? E acreditamos vinte, trinta, quarenta vezes, contra todas as evidências. Vemos o mal como uma nuvem temporariamente pousada sobre a testa do outro, não como uma parte da alma dele. Somos cândidos por desespero,

agarramo-nos às paredes da infância com todas as forças. Por isso não quis acreditar, quando o encontrei na nossa cama com a tal menina do Tempo. Ela saltou espavorida dos meus lençóis, pediu desculpa, disse que já se ia embora e fugiu com o vestido na mão, ele ficou sentado na cama a rir-se e disse: «Pronto. Agora já sabes quem sou eu.» Dois dias depois foi-me buscar a casa dos meus pais. Disse que estava bêbado, pediu-me desculpa. Quase chorou. Foi nessa reconciliação que decidi ter uma criança. Não foi para o prender. Foi para não ter medo de o perder. Para fazer nascer um amor absoluto, imune a traições.

Comecei a sonhar com o sorriso do meu bebé, com os seus abraços. Seríamos tudo um para o outro. Sempre criticara as mulheres que engravidam contra a vontade do pai da criança. Mas de repente parecia-me que o poder de gerar um novo ser era uma força feminina que devia ser exercida. Contra ninguém, só a favor do futuro. Do prolongamento da infância através da vida. Afinal de contas, esse poder fora oferecido às mulheres, um poder tão grande que tinha acabado por enlouquecer os homens. A mania do controle, da chefia, da guerra e dos heróis vinha do pavor dos homens diante dessa cumplicidade biológica das mulheres com as gerações futuras. O que pode um homem diante do amor de um filho por aquela que o gerou? Como se liberta um homem da paixão aterrorizada pelas entranhas onde morou?

O meu marido ficou muito irritado quando eu lhe disse que estava grávida. Quis que eu abortasse. Ficou ainda mais irritado quando percebeu que não tinha sido um engano. Chamou-me presunçosa: «Julgas-te tão importante que tens que ser eternizada? Es tão parva que te arrogas o direito de deixar descendência? Essa criança é capaz até de nascer atrasada mental, já pensaste?» Não, eu não tinha pensado. Gerar uma criança não é uma coisa que se possa pensar. É uma decisão que, de certa forma, ultraja todos os pensamentos—por isso é tão revolucionária. Eu, pelo menos, sentia-me uma valorosa revolucionária, à medida que a minha barriga crescia. Claro que não dizia isto ao meu marido. Limitava-me a sossegá-lo, explicava-lhe que, com o tempo, ele se habituaria à ideia. Acalmava-o. Sempre foi essa a minha função, o meu principal

encanto para ele. Mas a minha barriga enervava-o. Cada vez mais. Aos cinco meses de gravidez tornara-se tão visível que ele não aguentou. Atirou-me ao chão e desatou aos pontapés nessa barriga que o afrontava. Tentei proteger o meu filho mas não fui capaz. Desmaiei. E só isso que até hoje não me perdoo: não ter sido capaz de me fechar em concha sobre o meu bebé, não ter sido capaz de evitar a sua morte. Deixei-o ir. Como deixara ir o meu pai, um mês antes. Morreu de repente, de um ataque de coração fulminante. Eu tinha sonhado com a morte dele e não percebi. No sonho eu chamava por ele e ele nadava, num lago azul-escuro no meio das montanhas, havia uma paz excessiva naquela beleza, o Sol a pique cintilando sobre a água em que o meu pai nadava, afastando-se de mim. Este sonho inquietou-me mas não lhe disse nada—nem a ele, nem a ninguém. As grávidas têm muitos sonhos, ninguém as leva a sério. E o meu pai troçava de tudo o que se relacionasse com o sobrenatural—sonhos, astros, premonições... Acreditava apenas em Deus, num Deus discreto e ordeiro, que dava aos homens inteligência e liberdade. Só no fado ficava bem a palavra destino, condizia com o gemer da guitarra e levantava a alma de uma voz. Mesmo assim, eu devia tê-lo empurrado para um hospital, devia tê-lo forçado a fazer análises, exames, qualquer coisa que antecipasse aquele ataque que o matou sem nunca ter estado doente. Parecia ter engravidado comigo: nunca o vi tão exactamente alegre como quando lhe comuniquei que ia ser avô. «Vai ser uma menina», disse ele, atrevendo-se pela primeira e única vez à futurologia. Nunca chegou a saber que tinha acertado. Eu só soube quando tiraram de mim a minha filha morta. Enquanto o meu marido me batia, pedia em silêncio ao meu pai que descesse do céu para nos salvar. Mas as regras do jogo de Deus são outras, matemáticas e claras, como dizia o meu pai: temos apenas a liberdade das nossas escolhas, os anjos observam, anotam os pontos que as pequenas peças cá em baixo vão somando, suspirarão talvez diante da absoluta previsibilidade a violência, do infinito tédio da violência, e é tudo. Só eu me podia salvar, mas agora era demasiado tarde. Já não era capaz de me transformar numa lutadora. Eu era acima de tudo uma boa rapariga: fazia o que me mandavam, dizia se faz favor e muito obrigada,

escolhia a última fatia de bolo, aquela que já não tinha cobertura de chocolate, no cinema era a última a sentar-me para dar os lugares melhores aos outros, no trabalho estava sempre disposta a trocar de turno com alguém que precisasse da ponte e um feriado para ir recarregar baterias. Nunca sofri de stresse, era como se não tivesse tempo para pensar nisso.

De maneira que acordei no hospital, com o meu marido a fazer-me festas no cabelo e a sussurrar-me: «Tu caíste da escada, se dizes outra coisa mato-te, estragas-me a carreira mas eu lixo-te a vida.» Não podia dizer à minha mãe que era ele a escada por onde eu tinha caído. Ela sempre desconfiara do ar radioso dele, dizia-me que a boniteza não se põe na mesa. E andava inconsolável com a morte do meu pai. Além disso, quem é que ia acreditar que o mais brilhante dos pivôs de televisão batia na mulher, essas histórias só aconteciam ao povo, os que dormem em camadas sobrepostas em caves suburbanas, ou então em casebres nas montanhas, essas histórias só saem das garrafas de vinho a martelo, nunca das de *JB* de quinze anos. Ninguém ia acreditar, tão desnecessárias as ameaças dele, se aquilo se soubesse na televisão seria eu a despedida, uma documentalista é fácil de substituir, um líder de audiências é que não.

Ele era a imagem rutilante da justiça, melena negra tombando-lhe sobre os olhos claros nos casos mais graves, cintilando de indignação, apelando em duas ou três frases sóbrias à consciência dos cidadãos. Proferia comentários certos acerca de qualquer conflito, na Bosnia, no Benfica ou no Ministério da Cultura. Era uma das coisas que eu mais admirava nele, essa capacidade de exprimir o sentimento do homem comum sobre os mais variados assuntos. Tinha uma crónica num semanário que se intitulava *O Senso Comum* e era um sucesso. Coleccionava impaciências num caderninho: a burocracia, o despesismo do Governo, o racismo, a desertificação do interior, a destruição turística do litoral, os erros da política de Educação, a miséria dos Serviços de Saúde, a gritante desigualdade dos impostos. Tudo para ele era gritante. Eu vinha de uma família de gente conciliadora, amante dos meios sorrisos, da pequena troca de favores, da concessão e da afabilidade. Ninguém ameaçava

ninguém, os desentendimentos acatavam-se na maior tranquilidade. O golpe do meu tio sobre a herança da minha avó deu-se sem alarde, com grande compostura. Apanhou a minha mãe em lágrimas, no fim do funeral, e deu-lhe uma série de papéis para assinar, dizendo que eram muito urgentes. E ela assinou, sem ler, papéis em que abdicava de tudo O que lhe era devido a favor dele. As acções ficam com quem as pratica, foi assim que nos ensinaram. Era mais ou menos isto que eu pensava acerca do meu tio. Mais ou menos, porque também tinha a ideia de que devia ter alguma maldade em mim para acender aqueles instintos dele. No início da adolescência aprendi a esquivar-me, e ele acabou por me deixar em paz. Ficou-me só uma espécie de nojo pelo cheiro do sabonete de eucalipto com que ele lavava as mãos. Estava sempre a lavar as mãos. Antes e depois de me mexer, por exemplo. E estava sempre a contar anedotas de louras, muito ordinárias. Dizia que uma boa anedota é essencial para um bom negócio, há que dispor bem a outra parte. Anedota a anedota, construiu um império publicitário. E não tinha dúvidas quanto às mulheres: queriam todas o mesmo. Sempre que aparecia uma cara nova na televisão dizia: «Esta? Esta só eu e o comboio de Sintra é que não lhe passaram por cima.» A minha tia acrescentava invariavelmente, com um ar divertido, que só punha as mãos no lume pelo comboio de Sintra.

Só o meu pai se incomodava com estas conversas. Tinha medo do ressentimento escondido no humor, medo que de repente a raiva saltasse de dentro do riso e mostrasse os seus dentes de rato devastador. Preferia viver na sombra para não suscitar invejas e considerava que nada havia de indesculpável no mundo, que todos tinham as suas razões. No fundo, era um amoral -- nada lhe interessava a não ser a harmonia à sua volta. Preferia não ter gostos para não ter desgostos. Gostava da minha mãe e de mim, porque éramos também assim, ; pessoas suaves que nem sequer se arriscavam a ser doces. De modo que eu não me ajeitava com a palavra não, nem era enfática no sim. As coisas aconteciam-me porque as pessoas à minha volta avançavam no sentido desse acontecer. O meu tio queria o meu corpo infantil, os meninos da escola queriam que eu brincasse, os professores queriam que eu

estudasse, os meus pais queriam que eu tivesse boas notas e arranjasse um emprego seguro e um marido bem instalado, e eu cumpria. Com a maior perfeição possível, sem atrapalhar o plano existencial dos outros.

A franja deste tamanho está bem, não está? Se quiser que eu apare mais um bocadinho é só dizer. Cortar é um dos meus maiores prazeres. Gosto do tiquetaque da tesoura, da rapidez com que ela muda as coisas, suavemente, como se nada fosse. E do rigor do corte. Desde pequenina. O que eu queria era ser cabeleireira, aliás. Mas não podia ser, era voltar atrás no trajecto da família, eu era a primeira da geração dos cursos superiores. Acabei por escolher História por causa dos penteados das gravuras do século dezoito que havia num livro lá em casa. Se houvesse um curso superior de cabeleireira já escusava de ter dado tantas voltas para ter aqui chegado. Se tivesse seguido esse curso, não tinha ido parar ao Centro de Documentação da televisão e não tinha conhecido o meu marido. Tudo podia ter sido diferente. Mas é um disparate estar agora a pensar nisso porque também tudo podia ter sido igual—eu era contratada para pentear as vedetas e dava comigo de tesoura na mão em volta da cabeça dele. Há muitas maneiras de escolher o mesmo destino.

Não era este o salão de cabeleireiro com que eu sonhava, lá isso não. Gostava de trabalhar num sítio espaçoso, com secadores grandes, daqueles de pé, de metal brilhante, e sofás, e lavatórios de louça cor-de-rosa, grandes. Já me contentava com umas janelas largas a dar sobre um jardim com risos de crianças. Sempre gostei muito de crianças. Mas enfim. Pelo menos aqui as clientes são ousadas, querem sempre coisas diferentes, novas cores, novos cortes. Puxam por nós. Não estou a dizer isto para ser simpática, juro-lhe. É um gosto trabalhar com cabeças abertas à mudança.

Porque é que eu não a trato por tu? Desculpe, não me dá jeito nenhum. Eu sei que aqui faz parte das regras, a minha companheira de cela fez-me a vida negra por causa disso, no princípio. Achou que eu estava a fazer pouco dela, a armar em superior. Agora parece-me que já se habituou. Para já, eu praticamente nunca tratei ninguém por tu. Acho que nem o meu cão. Já lhe disse que tinha *um fox terrier*

lindo? Morreu de tristeza quando eu vim para aqui, coitadinho. Deixou de comer, simplesmente. Ficou deitado aos pés do meu sofá a gemer, até morrer. E era ainda um cachorrinho. Comprei-o poucos dias depois da tal tarefa que o meu marido me deu, para me sentir segura. Chamei-lhe *Leão*, por causa do meu signo. Eu acredito muito na astrologia, a senhora não? Deixe lá, dá-me mesmo muito mais jeito tratá-la por senhora. Não leve a mal, mas é um bocadinho mais velha do que eu. E, sobretudo, assim é mais fácil fazer de conta que estamos num cabeleireiro a sério, que vamos sair daqui as duas ; e atravessar a cidade para voltar a casa ao entardecer.

Aquela aragem que refresca os fins de tarde de Verão, uma aragem que traz o cheiro das árvores e da relva, lembra-se? Às vezes é disso que tenho mais saudades. Eu sempre fui um Leão muito esquisito, orgulhoso mas sem rugido. Uma vez disseram-me que numa existência anterior eu fui queimada como bruxa pela Inquisição, e que é daí que me vem este mal-estar com o mundo e a minha incapacidade de reacção. É como se nada valesse realmente a pena, como se as labaredas da morte rodeassem a minha vida inteira.

Naquela noite, de repente e por uma única vez, eu achei que tinha de lutar contra essas labaredas. O meu sentido de justiça ergueu-se e foi mais forte do que a aceitação da dor, a delicadeza a que eu estava habituada. Foi uma raiva que me deu. E não foi por nada de importante. Eu estava habituada a que ele me chamasse estúpida, e repetisse que eu nunca havia de ir longe. Estava habituada a que ele desprezasse o meu trabalho e me achasse uma ignorante. Estava habituada a que ele guardasse o ordenado dele para trocar de carro, comprar um jipe, ou, talvez, oferecer uma jóia a uma nova cara bonita. Estava habituada a pagar sozinha as contas da casa: comida, água, luz, telefone. Naquela noite, eu estava a fazer os embrulhos de Natal enquanto esperava que ele chegasse para jantar. O Natal, já se sabe, é uma coisa de mulheres, era sempre eu quem comprava os presentes todos, para a família dele e para a minha. Tinha o jantar pronto, ao lado do microondas. E ele chegou, nem me cumprimentou, foi para a cozinha, pegou numa colher de pau e começou a analisar o puré de batata.

Parece mentira, mas o que desencadeou a morte dele foi a consistência do puré de batata. Ele disse que o puré estava aguado, e que eu tinha feito de propósito, porque sabia que ele gostava do puré bem sólido. Avançou para mim com a colher de pau na mão, lembro-me de o ver entrar na sala, em câmara lenta, com os olhos a faiscar de ódio. Lembro-me de sentir o sangue todo do meu corpo a correr furiosamente para o meu cérebro, e uma coragem estranha, uma vontade de acção imperiosa a tomar conta de mim. Lembro-me de olhar para a tesoura com que cortava as pontas dos laços dos presentes de Natal e de a ver brilhar no escuro. Sim, de repente ficou tudo escuro e só aquela tesoura, uma tesoura banalíssima, como esta que uso para cortar cabelos, cintilava no meio da escuridão. Disseram-me depois que a espetei vinte e nove vezes no corpo dele. Aliás isso foi uma agravante da minha pena; parece que se a tivesse espetado só uma ou duas vezes no coração dele isso quereria dizer que eu não era uma pessoa má, teria sido apenas um ataque de maldade, uma coisa súbita, inexplicável, que pode acontecer a qualquer pessoa. Assim, parece que foi um acto calculado, uma coisa propositadamente cruel. Não me lembro de ter contado os golpes. Aliás, não me lembro de nada. Mas achei graça quando o polícia os contou e me disse que eram vinte e nove, exactamente a minha idade, calcule. Achei graça e sorri, mas não foi por mal. Eu nunca fui pessoa de fazer as coisas com intenção ou maldade. Nem nunca menti, nem tentei fugir, nada disso. Nunca fui uma pessoa revoltada, sempre me ensinaram que a ira não leva a lado nenhum.

Veja no espelho se ficou bem. Gosta? Muito obrigada.

## UM AMOR NA CIDADE

Delicadeza e exactidão. As virtudes do amor constituíam os princípios do trabalho deles. Nunca tinham feito outra coisa. É verdade que ela pintava. Escandalizava-o que ela pudesse pintar. Este escândalo incorporava uma boa dose de fascínio. Oceano tinha o pavor do ridículo, o que o tornava um paladino da humildade. Temia não estar à altura dos seus próprios sonhos, e trocava-os, recém-nascidos, pelo exemplar cumprimento do dever. Era muito mais perfeito do que Luna na reconstituição de texturas, na cópia da cor e das matérias. Sabia porém que sem a mão de Luna todos os restauros ficariam incompletos.

Luna era dada a longas distrações; pendurava-se das janelas verdes do museu a contemplar a dança da luz sobre o rio e falava interminavelmente. Parecia-lhe que ele quase nunca a ouvia, o que lhe dava vontade de ser sincera. Tão sincera que começou a depender dele para se conhecer a si própria. Aconteceu que Oceano ficou doente no dia em que o fruto proibido de Luna lhe disse que afinal o amor era mais pequeno do que a má consciência. Seria possível viver sem clandestinidade? Sem o lume dos beijos no fundo dos táxis, lanches quase platónicos à beira do lago do Parque Eduardo VII, o coração a corta-mato, o corpo dentro do corpo sobre um banco do Jardim Botânico, numa febril tarde de Verão? E agora o que é que eu faço? Oceano arrumava as chávenas do chá e pensava o mesmo que Luna: o que é que eu faço agora? Porque era tão inesperada aquela visita, em tantos anos de trabalho nunca Luna viera a sua casa. Imaginava-a nesse supremo impudor do Jardim Botânico, amando em público, calando o prazer até ao fim, enfrentando mil séculos de árvores estrangeiras e inclusive as leis do Estado democrático. Imaginava-a e enraivecia. Mostrou-lhe fotografias de infância, desenhos adolescentes, esboços de várias coisas.

— Vês que tens de acreditar na tua pintura? Não. Oceano não via nada.

— Não vale a pena, é muito complicado, há muita gente. Só quero viver em paz.

— Isso não se pode. A paz é para os mortos. E nem todos, parece-me.

Oceano achava que Luna tinha demasiados pareceres. Sorriu-lhe e pediu: fica mais um bocadinho. Janta comigo.

Uma semana depois anunciou-se uma chuva de estrelas.

Como se o céu se transformasse em alcoviteira privativa.

— Está tudo a fugir da cidade. Dizem que daqui não se vêem as estrelas.

Parece-me que se todos fecharem a porta e apagarem a luz, podemos ficar com as estrelas só para nós. Que achas?

Oceano encolheu os ombros, que era a sua maneira de manifestar entusiasmo.

— Desde que não me leves para um jardim.

— Mas tu adoravas jardins.

— Odeio-os. São de uma vulgaridade insuportável.

— E barcos, pode ser?

Contaram apenas cinco estrelas cadentes, que chegaram muito bem para as necessidades. É difícil ter cinco desejos de uma só vez. A bem dizer, é impossível ter mais do que um desejo, de Lisboa a Porto Brandão, ida e volta a partir de Belém, em cacilheiro. Da casa dele ouviam-se os gritos das crianças nas ameias que dantes eram dos Mouros e o restolhar da água no Cais das Colunas. Os pombos voavam até aos restos das torradas do pequeno-almoço. Oceano viu filmes de que nem sequer ouvira falar, Luna leu autores de países recônditos, o que devia significar qualquer coisa como amor eterno. Alastravam juntos pela única paixão comum que possuíam: a pintura. Luna sentia-se aflitivamente feliz e a aflição acrescentava-lhe talento: pintava, pintava cada vez mais. Eram jardins, todos os jardins de Lisboa que a saudade transfigurava em bosques enigmáticos. Os quadros de Luna cresciam. Oceano olhava cada vez menos para eles e, de vez em quando, desaparecia do museu sem lhe dizer nada. Luna metia-se na Cinemateca, para espairecer. Ou ia até ao Jardim Zoológico, mas a ideia de que ele nunca se deixaria namorar em jardins entontecia-a de tristeza. Os sítios onde

costumavam ir juntos eram igualmente desoladores, além de que Luna não tinha coragem de entrar sozinha na montanha-russa da Feira Popular. Enchia-se de farturas, bolos, amigos, anedotas.

Quando Luna foi convidada para a sua primeira exposição individual, Oceano ofereceu-se para ajudar. Tratava-se de levar as florestas dela para um armazém recuperado, na zona das docas. O espaço ideal, repetia ela, saltitando pelo passeio do Tejo. Tinham agora o hábito de descer do museu até à beira-rio, ao fim do dia, e regressavam ao centro da cidade a pé ou de eléctrico, devagarinho, pela margem.

Na noite da exposição, Luna falou para todas as televisões e três rádios. Oceano saiu muito antes do fim, com uma empregada de escritório debaixo do braço. Luna pensou que não havia amor sem o sopro de um desespero, e passou a ignorá-lo olímpicamente. Ainda restauraram juntos aquela Josefa de Óbidos de que ela mais gostava. Aprendiam que o perigo se enrosca muito mais nas relações antigas do que nas outras. Não havia maneira de deixar de querer, por isso, um dia, ela disse «Até amanhã» e nunca mais voltou.

Encontraram-se trinta e seis anos mais tarde, nos jardins da Gulbenkian. Deram as mãos, como dantes só faziam no cinema—e mesmo assim, só nos que não tinham intervalo, que eram os favoritos—e encaminharam-se para trás do palco do auditório ao ar livre. Há quem diga que ainda lá estão.

## «POST SCRIPTUM»

É uma fotografia banal, dessas que saem das máquinas em três minutos, quando é preciso renovar o bilhete de identidade. De vez em quando uma travagem brusca acorda-me a meio da noite, numa estação qualquer, e eu tiro a fotografia do meu saco para olhar para ela antes de adormecer. E inútil. Nenhum dos seus traços transborda para os meus sonhos, uma senhora num sorriso de três minutos. O fumo do teu cigarro insinua-se lentamente no meu sono, pesado, persistente.

O calor do corpo dela trazia o cheiro do teu tabaco, era esse odor ácido que me despertava. Mas deixa-a acreditar nas carícias dela. Ainda havia estrelas esquecidas pelo céu quando saíamos os dois para o frio da manhã. Ela dizia-me: «Estás a ver as estrelas, tão bonitas?», e esse céu tão pequeno que ela trazia no cachecol sufocava-me de ternura.

Ao som da tua voz as constelações expandiam-se sobre um palco infinito, e a nossa varanda tornava-se uma nave de espuma, vogando através dessas vidas que eram apenas rastros de luz. Ela ficava cada vez mais pequena, um ponto minúsculo na multidão que enchia o eléctrico por essas alvoradas glaciais. Eu sabia que ela erguia o braço para me dizer adeus, mas nunca olhava para trás.

Quase nunca estavas em casa. Chegavas ao escurecer, quando as bicicletas repousavam nas marquises das traseiras e os brinquedos estavam todos arrumados como coisas sérias. Empurravas-me para a rua, com uma bola na mão, murmuravas coisas obscenas acerca de mim e das saias dela. Mandavas-me para a cozinha a pretexto de um garfo caído, fazias «Schiu!» antes mesmo que eu pensasse dizer-te o que quer que fosse. Mas tudo isso me parecia normal, embora os miúdos da rua não parassem de troçar da minha evidente falta de jeito para o futebol. Gostaria de ter sido forte e vigoroso como tu, e como tu ter resposta para tudo. Quando um dia, de repente, alguém me disse «Amo-te», fiquei mudo, embaciado no espelho daquele amor. Mas nunca soubeste disto. Nesse tempo a varanda era já o

vazio de pedra onde a casa acabava, e eu sentava-me à noite nas escadas, a fumar e a falar de música com os outros.

Nunca me bateste, até me chegaste a dar uma caneta de tinta permanente quando acabei o liceu. Querias que eu fosse escritor, mas eu não queria aprender a escrever: amava os reis mortos das tuas histórias com um amor demasiado longínquo para qualquer palavra. Agora posso escrever-te porque te escrevo para mim, máscara das tuas máscaras. Escrevo-te com uma *Bic*, claro. Deixei a caneta de tinta permanente na gaveta da mesa-de-cabeceira dela. Compreendes, ela sempre precisou de álibis para a eternidade.

Afinal, um dia bateste-me. Disseste-me que eu não tinha capacidade de discernimento, perguntei-te o que era o discernimento e então tu bateste-me. Mas foi só uma bofetada e acredita que nem sequer me doeu. E um dia bateste nela. Nessa época eu já estava habituado a acordar com os vossos gritos, dez minutos antes do despertador. Quando me levantava para ir à casa de banho, havia um estranho perfume masculino no corredor. Tu vivias envolto em mistérios e livre de obstáculos. Nas primeiras noites ela ainda esperou por ti na sala, a fingir que não chorava. Mas isso foi só nas primeiras noites. Ainda não se ouvia o rumor das pessoas na rua. Flutuava apenas o aroma quente e silencioso das últimas fornadas da padaria. Creio que acordei à primeira bofetada. Sim, deve ter sido isso, uma só bofetada e depois ela disse, com uma voz metálica que eu lhe desconhecia: «Bate, podes bater à vontade que eu não tenho medo. Não caio de joelhos, como tu caíste na prisão, a denunciar os teus camaradas.»

Não voltaste a entrar em casa. Quem chegava à hora do jantar era um homem curvado, de camisa descomposta. Às vezes nem chegava ninguém, eu ficava só com ela, jantávamos na cozinha. Aquele homem curvado tinha cada vez menos o teu cheiro e nem sequer inspeccionava as minhas orelhas, para ver se estavam sujas. Já não me chamavas porco, e tinhas sempre a barba por fazer. Ela sussurrava: «Meu querido, meu querido.» Do meu quarto sentia o teu corpo a enrolar-se sobre ti como um bicho-de-conta, ouvia os murmúrios dela, cada vez mais suaves e distantes.

Não foi por te ter encontrado a dormir sobre o peito dele, naquela tarde morna de domingo. Não foi por isso que me fui embora. Foi

porque ele era belo, de uma beleza ofuscante que eu nunca tive, e tu parecias um monte de cinzas colado ao corpo dele.

## A SOMBRA DAS NUVENS NO MAR

Só nos livros o amor racha corações em relâmpago. Dinamene tomava vagares, e quando atingia o sobressaltado sossego do acordo consigo mesma, o seu corpo mudava-se. De negro fazia-se branco, de branco-dourado, e depois moreno espesso. Talvez fora da ilha o tempo voltasse e Dinamene pudesse conquistar a efémera angústia de uma identidade de mulher. Tentara barcos e pássaros, as ondas e depois o fundo do mar, mas as águas e os ares devolviam-na repetidamente.

Queria morrer e flutuava. Queria amar-se e mudava. Acordava sem saber de si, o sangue em forma de pedra, as pernas de âmbar, os cabelos de cedro velho e o rosto de mogno como uma mobília de palácio. A mágoa das matérias—pedra, ou madeira, ou ferro, ou ouro, ou barro

— chorava em círculos pesados dentro dela. Se ao menos tivesse memória. Olhava e tudo o que via era beleza: encostas verdes carregadas de flores, uma cidade cor-de-rosa encostada a navios grandes que à noite iluminavam o mar todo à volta. Mas nem estas coisas simples Dinamene chegava a nomear. Quando se aproximava das palavras, o seu corpo transfigurava-se e era como se a vida recomeçasse de um princípio que ela já conhecia mas nunca chegava a aprender. De qualquer maneira, as pessoas ficavam paradas a contemplá-la. Diziam: «Coitadinha! Tão bonita!», e ela sentia um fio de água (ou seiva, ou lama, ou ouro, dependendo do dia) descer-lhe pelo rosto. Sonhava que era uma rapariga como as outras, com uma só pele para envelhecer devagarinho e colecionar fotografias e remorsos. Havia no sonho uma voz fatalista: «Serás sempre uma árvore apaixonada pelos barcos, é essa a tua maldição», e quando ela queria perguntar porquê o sonho acabava e o espelho dos lagos mostrava-a outra, cada vez mais condenada à eternidade, que é o sítio de onde todas as recordações desapareceram.

Olhava para as barrigas redondas das mulheres, cheias, efémeras, íntimas e distantes como brinquedos, olhava-as com tal ausência que as comovia. As mulheres pegavam na cabeça loura ou negra de

Dinamene e encostavam-na à pele estoirada dos seus ventres. O som monótono da mortalidade deixava-a com saudades de ser feliz.

Dinamene nascera um dia, experimentara o terrível prazer da precaridade. Às vezes, os olhos dos homens traziam-lhe um violento odor a lenha e leite, uma coisa que escaldava como sangue a jorros de pulsos abertos. Tentara rasgar a pele com uma tesoura funda, e de imediato ela se lhe mudara em granito escuro, brilhante. Meteu-se-lhe então na cabeça que a ilha havia de ter um buraco, um lugar por onde a queda pudesse ser definitiva. Há muitos anos, na escola, Dinamene aprendera a fugir de poços, grutas e covas porque no centro da Terra ficava o inferno, mas agora ela não tinha qualquer ideia do que fosse uma escola. Correu a ilha toda muitas e muitas vezes, e quanto mais corria mais o seu corpo se afastava da terra. Pisava orquídeas e elas voltavam-se para o Sol, como se em vez de pisadas tivessem sido acariciadas pela brisa do mar. Correu tanto que acabou por provocar os ventos e congregar as nuvens que andavam lá longe pelos continentes do mundo.

A ilha pôs-se a baloiçar como uma alma confusa e entornou Dinamene para dentro de uma fortaleza de pedra roubada ao tempo dos piratas. A primeira sala parecia uma caixa de fósforos gigante, onde os fósforos desenhavam um labirinto de andaimes. Ao fundo da sala havia uma enorme mesa de madeira, daquelas de desenhar cidades ou meditar sobre o esplendor da verdade. Dinamene acabou por reparar que sempre que suspirava um dos fósforos caía e aparecia um desenho em cima da mesa do fundo, que podia ser de frades ou arquitectos, ou poetas. Queria tocar-lhes, mas os desenhos esfumavam-se, desfaziam-se em giz nas mãos dela. E o giz marcou o caminho da segunda sala, que era depois de uma ponte estreita, e quando ela entrou na segunda sala começou a nevar lá fora. Dinamene olhou para as mãos porque de repente o seu corpo fazia um barulho de livro folheado, e a pele desatou a encarquilhar-se-lhe muito depressa, até ficar cor de pergaminho, como os velhos ou os recém-nascidos. Não havia ali espelho que confirmasse a situação de Dinamene. De qualquer modo, Dinamene era imune aos espelhos. Só a água lhe reflectia os contornos, em dias de controlada luz. Deitou-se no chão, ao lado de uma espiral de flores que ali havia, e

deixou-se cobrir pelas pétalas brancas e vermelhas, que lhe imitavam o frio da neve e o sabor metálico do sangue.

E então Dinamene lembrou-se. As imagens acudiam-lhe em tropel, recortadas em riso, assimétricas, numas cores ferozes de vida. Tinha um enorme cravo vermelho no cabelo em forma de estrela-dor-mar e as suas mãos pequenas, pacientes, construía uma cidade de fósforos. Crescera em volta daquela cidade. Quando acabou de crescer verificou que a sua cidade estava rodeada por uma verdadeira muralha de papel. Pegou na primeira folha e leu o que estava escrito. Amor, amor, amor, ah, minha Dinamene, eternamente. Soltou uma gargalhada e caiu do céu uma luz que se ateou aos fósforos e reduziu a cinzas a sua infância inteira. Dinamene decidiu esquecer. Coleccionou fotografias até inventar uma família que lhe ficasse bem. Às vezes deixava-se arruinar, às vezes bordava panos para os barcos que partiam. Quando se cansou de imaginar começou a copiar gestos e sentimentos dos romances. Não corria o perigo da seriedade, porque tinha um guarda-roupa faustoso dentro da cabeça. Nada era para sempre, nada merecia o empenhamento de uma existência, tudo fogo que arde.

Era a única mulher que gostava de envelhecer. Entediava-a a ideia de acordar todos os dias da vida com a mesma pele lisa de objecto sem passado. Amava as imperceptíveis corrosões do tempo; talvez por isso, parecia cada dia mais nova. Ganhou fama de bondosa por alheamento, tão determinada se apresentava sempre a estudar a sombra das nuvens no mar. Intrigava-a a persistência que as pessoas punham nos actos, para o bem como para o mal. Por isso mesmo, desencadeava paixões furiosas. Troçava da persistência das guerras e dos sentimentos, vivia o poder absoluto da indiferença material. Nunca saía da ilha, que é o mesmo que dizer que jamais lhe pertencera, porque tinha todos os sentidos pousados nas substâncias passageiras. Divertia-a o jogo das intensidades, donde começou a murmurar-se que mentia. Numa hora beijava, na seguinte enxotava e ria. Até que os limites humanos do desengano coincidiram com os limites físicos da ilha, e a colecção de apaixonados transbordou numa multidão de revoltados.

Dinamene foi convidada para uma festa no alto do monte, num palácio onde morrera um rei estrangeiro. Quando ela entrou, com um vestido da cor do Tempo, todos—homens e mulheres—suspiraram de desejo e pavor. Avançaram para ela com uma garrafa cheia de um líquido dourado e pediram-lhe que bebesse aquele néctar feito de propósito para ela. Dinamene bebeu e rejuvenesceu. Parecia que aquela bebida continha a fórmula da felicidade eterna. De certa forma, era verdade. Naquele jarro estavam as lágrimas de todas as pessoas que a tinham amado. De madrugada, a pele de Dinamene desatou a escurecer. Como se o corpo tivesse decidido preencher-lhe todos os espaços em branco da vida. Foi assim que Dinamene passou da vida à arte, de ser humano a parecer literal: a alma encheu-se-lhe de estruturas precárias, o corpo esvaziou-se-lhe em sucessivas acumulações de cor. Até ao instante em que, deitada sob as pétalas, Dinamene se lembrou de tudo e depois esqueceu-se e nasceu a chorar.

## TODO O AMOR

Espero-te, em sobressalto, com todas as velas da alma acesas, tremendo ao vento quente de Julho. Aqui ninguém nos conhece— aqui ninguém pode fazer troça [do nosso pobre, eterno, inconsolável amor. Um amor que ninguém entende, minha querida—nem nós. Vejo-te, com o teu vestido branco de bordado inglês, as sandálias demasiado altas, o calor do Verão desabando numa chuva de luz em redor do teu corpo, no terraço da torre de menagem do Castelo de Estremoz. Vejo-te primeiro de costas, os cabelos louros inundados de sol sobre os braços e o vestido branco, inclinas-te sobre as ameias e fotografas a cidade. Espero que tu te voltes para que o meu deslumbramento se imobilize sobre o teu corpo em movimento, o teu sorriso infinito, desesperadamente infinito como o azul do céu. Vejo-te mas não te conheço ainda, quero conhecer-te mas não sei que palavras inventar para te puxar para a minha vida:

— Sabe que esta torre foi tudo o que sobrou do palácio quando ardeu, em mil seiscientos e noventa e oito? Não pode ser—tomar-meias, na melhor das hipóteses, por um guia turístico do género predador. De forma que me limito a seguir-te, quando desces do terraço da torre de menagem para o salão nobre. Antecipo a tua descida da estreita escada de caracol e penso que se tu estiveres destinada a ser minha virás cair-me nos braços. É um pensamento infantil, na época não conhecia outros. As tuas sandálias horrivelmente elevadas vieram em meu socorro. Procuravas saltitar com elas de degrau em degrau—querias-te simultaneamente saltitante e alta, minha querida, sempre quiseste tudo ao mesmo tempo—e tropeçaste, desastrada, a meio da escadaria. Deste um grito, voltei-me e apanhei-te nos braços. Disse: «Obrigado, meu Deus», e tu soltaste uma gargalhada nervosa. «Tirou-me as palavras da boca», respondeste. «Mas olhe que, neste lugar, quem faz milagres não é Deus, é a Rainha Santa Isabel. Digamos que é um lugar de milagres feministas.» E tornaste a rir nervosamente. Retorqui-te que, pelos vistos, mesmo as santas mais ousadas precisam de um homem no sítio certo para levar os milagres a bom porto. A minha rapidez de réplica espantava-me; sentia-me

protagonista de uma peça luminosa, as palavras acudiam-me com a naturalidade da respiração, movidas apenas pelo som das tuas gargalhadas. Junto de ti descobri, de repente, a alegria que trazia escondida numa cave do coração. Deixei de ter caves e sótãos dentro de mim, corredores escuros onde o vento do medo uivava. Nunca mais fui assombrado pelas roucas marés da infância. Vagueio pelos salões e jardins deste castelo onde aconteceu o milagre secreto do nosso encontro, vagueio na dança dessa adolescência em que me aprisionaste, no quarto degrau da escada de caracol da torre de menagem do Castelo de Estremoz.

Sento-me à entrada da pousada para te ver chegar, diante da velha *Hermes* de teclas gastas que lança um perfume de reportagem aventureira sobre o salão demasiado solene. Quero assistir a todos os teus passos, ao ondear do vestido branco em torno do teu corpo roliço. Entras já tarde. Ergues os ombros e o sorriso antes de avançar pela porta de vidro, puxando a malinha de rodas atrás de ti. O vestido é vermelho-escuro, levemente cintado. Engordaste e não queres que eu o descubra, por isso te precipitarás, mais tarde, para a casa de banho de onde sairás já de camisa de noite. Minha querida. Como se a ondulação contínua do meu desejo por ti pudesse crescer ou diminuir a metro. Quantos quilos de amor tens ainda para me dar, diz-me? Quantos quilómetros teremos ainda de andar para nos amarmos só com riso, sem lágrimas nem culpas, como dantes? Não foram as pregas do teu corpo o que nos afastou, o que nos empurrou para este limbo dos paraísos ocasionais. Tu dirás que foi o dinheiro. Eu direi que foi a tua incapacidade de entrega. Mas se dissermos isto acabaremos por gritar um com o outro, e depois cada um de nós dirá frases terríveis em que não acredita só para experimentar o seu poder de mágoa sobre o outro, e a rosa de sangue em que se transformou o nosso amor desmoronar-se-á em ferida absoluta.

Preciso que saibas que amo arrebatadamente a tua cintura larga, amarrotada, a cicatriz quase imperceptível no teu púbis, os teus seios exaustos, a tua barriga de búzio onde escuto ainda o eco do meu coração. E isto que preciso que saibas, apenas isto que mais uma vez te direi na linguagem de beijos, saliva e suor que fizemos nossa, à

margem de todas as histórias da existência que não sabemos construir.

É a custo que ergues a taça borbulhante do teu sorriso, agora, no momento em que entras na sala e avanças para mim. Adivinho-te o esforço, comoves-me. Preocupas-te:

— Eles não desconfiam de nada?

Juro-te que não, observo o velado voo da tristeza nos teus olhos solares, pergunto-te se estás cansada, respondes que as viagens nunca te cansam: «Os muros da vida quotidiana é que me estafam. Ter que viver metida neles, sabes como é.» Mudas rapidamente de assunto, falas-me de outras viagens, das que fizemos juntos antes que eles viessem separar-nos, das que fizeste sem mim, por causa deles, das que um dia faremos, quando eles já não tiverem força para proibir o nosso amor. Falas muito e muito depressa, sobrevoas os temas com uma dispersão de pardal, um Pinter prodigioso a que assististe em Londres e a maravilha da nova Tate, o concurso que ganhaste para um bairro social inovador. Transfiguras-te quando falas dos teus projectos de arquitectura. Fico a olhar-te, embevecido, enquanto desfazes velozmente as malas e explicas de que forma a orientação das janelas e a qualidade dos acabamentos modifica a percepção e o pensamento das pessoas. «Eu sei. Por isso é que escolhi este sítio para nós dois.» Coras. Ninguém cora tanto e tão violentamente como tu. «Desculpa. Já devia ter-te agradecido, suponho. Deixei-me levar pelo entusiasmo. Mas estou muito feliz por estar aqui contigo, já sabes.»

Já sabemos tudo um do outro. Este saber inclui muitos capítulos dolorosos, páginas repetidas de desilusão, desastres, um mar de destroços inapagáveis. No entanto, continuamos a encontrar-nos às escondidas de nós próprios, continuamos a responder à urgência da felicidade que nos convoca, à revelia do nosso próprio naufrágio.

Descemos ao bar onde o pianista dedilha a comoção garantida de *Strangers in the Night* e puxo-te para dançar. Antes de te conhecer eu não sabia dançar. Nem nadar. Nem amar a pintura contemporânea. Antes de te conhecer, eu não sabia entregar-me—e depois acusei a tua incapacidade de entrega. Fui injusto, talvez—é essa a minha profissão, meu amor, ser injusto. O bom advogado é o mais eficaz na

defesa da injustiça, disse uma vez—e tu não riste. Tanto que eu gosto de te fazer rir. Mas quando se fala de justiça, tu nunca ris. «Não, meu querido. O melhor advogado é simplesmente aquele que consegue fazer mais dinheiro com a infelicidade alheia. E tu és, sem dúvida, dos melhores.»

O pianista descansa, dançamos agora, calados, ao som da *Tristesse* gravada de Chopin. «Eu não sei dançar isto», segredas-me. «Nem eu. Por isso é melhor continuarmos a dançar, para que ninguém repare.» Depois pego-te na mão e subimos ao primeiro andar, ao quarto com cama de dossel que serviu estratégias de descendência e a ilusão dos noivos. Surges da casa de banho já com a camisa de noite rosa—diáfana mas não transparente—vestida, metes-te nos lençóis e apagas a luz. Mas eu acendo velas—dez velas que ateiam o lume da tua pele. E digo-te: «Não tenhas vergonha. O teu corpo é o meu palácio. Sempre foi, sempre será.» Destapo-te devagar e beijo os dedos dos teus pés, um a um. Depois os tornozelos, os joelhos, as coxas. E tu comesças a acariciar-me, e volto a afogar-me nesse incêndio sublime que a fusão dos nossos corpos compõe.

Mergulhas de cabeça no azul fundo da piscina, enquanto eu desço devagar as escadas, arrepiado. Tu nadas até ao fim do fôlego, eu refresco-me, dou duas braçadas e saio da água. Sempre fomos assim. O céu está quase branco de calor e de silêncio, a torre de menagem onde D. Leonor Teles e o conde de Andeiro se amavam em segredo parece ainda maior, uma torre negra de mistérios e encantamentos. A piscina enche-se da morna algazarra de uma família espanhola, pai, mãe e duas crianças que E se agarram aos pescoços dos pais com gritinhos de prazer.

Abandonas o livro que lês, ficas a olhá-los, melancólica. Peço um gelado a meio da manhã, tu não queres, ou queres mas já não podes: «Qualquer dia transformo-me num ogre, e depois?» A revista que te caiu do saco traz a história de uma cantora que se suicidou, com álcool e comprimidos, numa manhã de sol como esta, num apartamento de subúrbio. Uma mulher escultural, que fazia musculação e operações plásticas para não parecer os cinquenta anos que tinha. Não parecia, e mesmo assim matou-se. Um ogre. O eco do

riso das crianças espanholas é que te faz, subitamente, parecer um ogre—não esse corpo redondo que amo e amarei, o corpo que moldou e amamentou os meus dois filhos. Chegam mais crianças à piscina, estas riem-se em inglês. Todas as crianças gostam de piscinas, sabes? Por isso é que eu insisti tanto em que construíssemos uma, quando a Joanelha fez quatro anos. Ela queria uma piscina, um quintal, um cão e um gato—e eu não percebi porque é que ela não podia ter isso tudo. «Tu nem gostas de crianças», repetias-me. «Fui eu quem decidiu engravidar», recordavas-me, triunfante. Tinhas razão—eu nem reparava que as crianças existiam. Mas quando a Joana nasceu, o meu mundo mudou. Deitaram-na ao teu lado, e tu olhaste-a, desconfiada: «Ui, que macaquinho peludo. Se não te tivesse visto nascer, nem acreditava que fosses minha.» Depois beijaste-a, a rir. Sei que gostavas dela, sim, vem nos livros, nessas revistas especializadas em bebés que lias sofregamente. Mas eu punha-me no lugar dela, tinha medo que ela percebesse que tu lhe chamavas macaquinho peludo. E achava que era por causa disso que ela chorava tanto. O nascimento da Joana tornou-me sentimental. Ou piegas, como tu dizes. Um dia cheguei a casa e ouvi-a chorar muito. Subia no elevador quando comecei a ouvir-lhe os gritos. Encontrei-a desfeita em lágrimas ao teu colo. Estavas sentada em frente à televisão, com lágrimas nos olhos, e não tentavas sequer embalá-la. «Já a embalei de todas as maneiras e feitios. Já não sei o que lhe faça, só me apetece atirar-me da janela com ela.» Expliquei-te que devias ter paciência, que era natural que a menina tivesse cólicas na transição do teu leite, o leite natural e materno a que estava habituada desde a nasença, para o leite artificial a que agora era obrigada. Eriçaste-te comigo, achaste que eu te acusava de teres perdido o leite de propósito. Eu nunca disse nada disso, minha querida. Claro que tinha a vaga ideia de que, se verdadeiramente amasses a minha criança, se não te queixasses tanto, se não a amamentasses com tanto sacrifício, o teu leite não teria secado. Claro que, se eu pudesse, teria amamentado a Joana durante pelo menos um ano, com todo o prazer. Mas nunca te disse nada, nunca te acusei de nada.

Como nada te digo agora sobre estas crianças esfuziantes que brincam na piscina. Sei que não és perfeita, e não te amo menos por isso. Durante um tempo pensei que atravessavas a famosa depressão pós-parto, e tive paciência. E foi uma depressão longa, muito maior do que aquelas que vêm descritas nas revistas. Um dia fiz um comentário muito simples, qualquer coisa como: «Essa depressão já te devia ter passado, não achas, querida? Não seria melhor consultares um especialista?» Aramaste-te toda comigo, lançaste-te num discurso extraordinariamente agressivo sobre a conveniente duração das depressões femininas e a opressão dos biberões. Quiseste pôr a Joana num infantário, e eu opus-me. Com suavidade, como é meu timbre. Nunca me pareceu que a violência conduzisse a nada de bom, e estava absolutamente determinado a não traumatizar a minha filha. Sei que te pareci pouco moderno, e que provavelmente isso te afastou de mim. Mas os infantários, minha querida, são armazéns de doenças e de desamor. E tu tinhas combinado comigo que ficarias em casa durante pelo menos seis meses, tratando da nossa filha. Nunca percebi como podias entender esse tempo de idílio e intimidade como uma prisão. Todo o amor é uma prisão, minha querida, uma prisão inventada por nós contra a escancarada brutalidade da vida.

«E se fôssemos dar uma volta pela cidade? Estou farta de torrar ao sol.» Percorremos de mãos dadas a cidade silenciosa. Longe do ruído das crianças tornaste de novo faladora, vibrante, apaixonada. Gostamos dos mesmos livros, das mesmas viagens, dos mesmos sabores. Dedicamo-nos com ardor aos nossos trabalhos—nunca nos cansamos de falar deles. Eu interesso-me pela esquadria das casas, pelo toque da pedra, tu interessas-te pelos meandros dos meus processos, pelos deslizes das leis, pelos problemas das pessoas. Somos tão parecidos em tantas coisas. Decidimos ir dar uma volta de carro, tu dizes que te apetece ver o auge dos girassóis e seguimos por uma estradinha campestre. «É tão bom ser conduzida. Nunca me habituei a guiar. Quero dizer, habituei-me mas não gosto.» Como eu não sei que te responda, tu cortas o silêncio com uma gargalhada: «Sobretudo, nunca me habituei a pagar o seguro a tempo, e a tratar das revisões do carro. Sabes como eu sou.» Acaricias-me o joelho e

contas-me uma história divertida de avarias e mecânicos. Almoçamos num restaurante tranquilo, quase só acompanhados pelas gravuras de caça das paredes, porque a época não é de caçadores. Comemos demasiado—enchidos e queijos de entrada, depois uma galinha com molho de ovos, depois uma encharcada—e decidimos passear pela planície ao redor. Tu fotografas-me. Entre as árvores brincam três garotos. A menina, de caracóis, faz-me lembrar a Joana em pequenina. Mas todas as meninas me fazem lembrar a Joana. Até tu.

Regressamos cansados ao nosso castelo, tu queres ainda subir à capela da Rainha Santa. A guardadora das chaves está a mudar as flores da outra capela, olha para as nossas mãos entrelaçadas e larga as flores para nos guiar. Enquanto subimos as escadas forradas de azulejos oitocentistas, a mulher conta-nos que a capela era o quarto onde a Rainha Santa Isabel morreu, a 4 de Julho de 1336, e que ali vão, até hoje, as pessoas que precisam de milagres. As pernas e braços de cera, em redor da imagem da rainha, falam da permanência dessa necessidade concreta de milagres. A nós, o milagre foi-nos dado sem que nunca o tivéssemos pedido. Como um sonho. Talvez por isso nos seja tão difícil responder-lhe. E então tu tiras da carteira uma fotografia dos nossos filhos e deposita-la aos pés da Santa. E ajoelhas-te. E ficas assim, imóvel, ajoelhada, durante cinco minutos. Vejo-te de costas, o cabelo louro iluminado pela luz macia da tarde sobre o vestido azul, do qual emergem os saltos dos sapatos—ainda e sempre demasiado altos, minha querida. À saída, digo-te, só para dizer alguma coisa: «Não sabia que eras religiosa.» Respondeste: «Já há muito tempo que não sei quem sou. Com o correr dos Natais é cada vez mais difícil saber quem sou. E depois deste Verão, o Natal voltará.» Digo-te que há muitos Natais em cada dia, e que tenho um presente para ti, no quarto. Ris-te, beijas-me, dizes: «Pretextos, a uma hora destas.» Delicio-me a ver-te abrir o embrulho. Os teus dedos, pequenos e ágeis, tornam-se desajeitados com a excitação. Rasgas atabalhoadamente o papel, guardas a fita numa gaveta, e olhas, deslumbrada, para o vestido negro. «Agora quero que o vistas. Aqui mesmo, à minha frente.» Travo-te a mão com que tentas fechar as portadas de madeira da janela: «Não. Livra-te de

negar a tua beleza à luz de Estremoz. Hoje quero que te dispas para mim.» E tu despes-te devagar diante da janela, depois vestes esse vestido longo, seguras o cabelo ao alto e pedes-me que corra o fecho eclair, e ao lado do fecho eclair, do lado de dentro, há um pedaço de verso de Eugênio de Andrade, um pedaço de verso que eu próprio não tinha visto: «*Voa, coração. Ou então arde.*» Por isso a empregada da loja me dissera: «Esse vestido tem um feitiço. Mas só quem o abrir ou fechar pode descobri-lo.» E eu abro o fecho eclair do vestido e tu sais dele para as minhas mãos, e volto a ver o castanho dos teus olhos luzindo no escuro, como da primeira vez em que te recolhi nos braços, há muitos e muitos anos.

Descemos tarde para jantar, e já não pedimos o mesmo. Eu ainda me atrevo à sopa de cação e à luxúria dos fios de gila do bolo-real. Tu pedes uma dourada grelhada e passas directamente ao café. Meu amor. Saímos alternadamente da mesa para ir à casa de banho, cada um com o seu telemóvel, e telefonamos às escondidas aos nossos filhos. Vejo como guardas o telemóvel na carteira, enquanto regressas. Quando o Afonso acabar o curso, provavelmente, poderemos juntar-nos outra vez. Agora seria demasiado traumático para ele. Tu enchias-lhes a vida de dificuldades e interdições. Dizias à Joana que, se quisesse ter roupa de marca, juntasse o dinheiro das mesadas. E eu punha-me a imaginá-la a saltar almoços, no liceu, e aterrorizava-me. Proibias o Afonso de ir acampar com os amigos, porque tinha chumbado a metade das cadeiras. E se ele se metesse na droga, por raiva? Há tratados e tratados sobre o amor das mães pelos filhos. Quando eles eram bebés, li uns duzentos artigos sobre a solidão dos pais, abandonados por mães demasiado extremosas para com os filhos. E surpreendia-me, porque a nossa vida não era assim.

Uma noite, tu quiseste à força ensinar a Joana a adormecer sozinha. Pretendias provar-me, através de artigos de psicologia e séries de televisão, que era muito mais saudável que os bebés ficassem sozinhos no escuro até adormecerem. Tolices. As crianças fazem-se com amor e precisam de amor, minha querida. Como a Joana mais tarde diria: «Se vocês que são crescidos dormem um com o outro, porque é que eu hei-de ficar cheia de medo, sozinha?» Mas

nunca te impus nada. Nunca te obriguei a dormir com os meus filhos, minha querida.

Dormi com a Joana até o Afonso nascer. E depois, arranjámos o nosso antigo quarto de forma a que lá pudéssemos ficar os três. Às vezes, ao fim-de-semana, tu concedias-nos o calor da tua companhia, e ficávamos os quatro, abraçados, a rir e a brincar, durante manhãs inteiras, na cama. Mas essas manhãs de felicidade foram-se escoando, à medida que as crianças cresciam e a tua severidade aumentava. Começaste a chamar-lhes consumistas, só porque queriam ter todos os brinquedos que viam nos outros meninos. E egoístas, só porque se recusavam a escolher um brinquedo ainda novo para dar aos pobrezinhos, no Natal. Um Natal eu comprei dois presentes extra, repetidos, para irmos todos ao orfanato oferecer, e tu ralhaste comigo à frente deles. E bateste com todas as portas da casa. Nunca gostei de agressividade

nem violência, minha querida. Por isso te disse, muito baixinho: «Já não és a rapariga radiosa pela qual me apaixonei.» E então tu disseste-me coisas horríveis. E a Joana veio abraçar-me e disse: «Temos que arranjar uma casa só para nós, papá. Eu já não aguento viver com ela.» Sim, provavelmente foi nesse instante que a ideia de uma casa diferente, com jardim e piscina e os animais que eles desejavam, começou a desenhar-se na minha cabeça. Mas não era contra ti, minha querida. Pois se até te pedi que a desenhasse. Tu contrapuseste-me números, inseguranças matemáticas que não se adequavam ao milagre do nosso amor. Fizeste-me ver que, para comprarmos já aquela casa, eu teria que desistir do doutoramento em Inglaterra com que tanto sonhava. Tu terias que aceitar o dobro dos projectos. Teríamos que desistir das viagens de férias. E ainda teríamos que pedir um empréstimo inicial aos nossos pais. Mas não é para isso que serve a família? Que raio de amor era o teu, que pequeno amor era esse que se enredava em números, diante dos sonhos dos seus filhos?

Amanhã vamos embora—cada um no seu carro, para casas diferentes na mesma cidade. Tu regressas de um congresso de

arquitectura no Algarve, eu de um processo de heranças em Évora. Ouvem-se valsas austríacas no salão, mas tu acabas o café e dizes: «Tenho de ir ao quarto acabar uma coisa. Não subas já.» Fico uma hora a ler os jornais, ao som dos *Danúbios Azuis* dos filmes da nossa adolescência perdida, e dos *The Way We Were*, *The Shadow of Your Smile*. Meu amor. Quase todos os casais que começaram a amar-se ao mesmo tempo que nós já se divorciaram. Alguns conseguiram o feito épico de integrar pais, mães, madrastas e padrastos dos filhos em rodas de amigos serenos. As crianças trazem da escola árvores genealógicas para completar e eles acrescentam ramos e ramos às árvores, até que elas se tornem labirintos ininteligíveis. Deixaram de se amar, e esforçam-se para que não se note. Nós nunca deixámos de nos amar. Nunca, nem por um segundo, desejei outra mulher, desde o dia em que te conheci. Sofro apenas porque não foste capaz de amar os filhos que te dei—não foste capaz de te entregar a eles como te entregas, ainda, a mim.

Preferiste gastar nesse apartamento em que vives sozinha e nos psiquiatras que te exploram a solidão o dinheiro que não quiseste dar aos nossos filhos. Dizes que nós te expulsámos de casa, mas não é verdade, nunca é verdade: quem te expulsou foi a tua incapacidade de amar. Um dia, a Joana ergueu o braço e disse: «Rua. Vá-se embora, que só estraga a família que nós os três somos.» Olhaste para mim, e tinhas dessa vez os olhos cinzentos. E eu não disse nada, porque não consigo magoar a Joana. Olhaste para o Afonso, que tem uma doçura mais próxima da minha. E o Afonso disse: «A Joana é um bocado bruta, a mãe já sabe. Mas se calhar até tem alguma razão. Nós vivíamos melhor sem a mãe. E a mãe era capaz de viver melhor sem nós.» Dessa vez, para meu espanto, não bateste portálázios nem gritaste. Levantaste-te muito devagar, fizeste a mala uma só mala—e saíste, devagarinho, pela porta. A Joana estava ao telefone com uma amiga, o Afonso via um jogo de futebol na televisão, creio que nenhum deles deu pela tua saída.

Os dias seguintes foram tristes, sem dúvida. Mas confesso-te que, a pouco e pouco, a casa foi ficando com uma atmosfera mais suave, como que aliviada. Claro que eu tinha saudades tuas. Demorei quase um ano a reconquistar-te. Mas gosto da nossa vida agora, do sabor a

pecado que os nossos encontros adquiriram, sobretudo desde aquela vez em que os nossos filhos nos encontraram no cinema e ralharam comigo. Ver-nos juntos perturba-os, minha querida. Eles sabem que tu os obrigarias a arregaçar as mangas e tornarem-se adultos, a lutarem pelas coisas mínimas da vida, a fazerem-se competitivos e predadores. Minha querida. Sei que não o farias por mal, que a tua ideia do amor é essa—a instrução para a sobrevivência. Mas, para mim, o amor não é uma academia militar. E tu devias saber a que ponto, hoje em dia, é importante que as crianças tenham estabilidade emocional—vem na capa de todas as revistas. O mundo tornou-se um lugar muito duro. Bem sei que eles já não são exactamente crianças, mas a violência da vida prolonga-lhes forçosamente a adolescência. E eu não me importo de tomar conta deles. Eu sinto-me feliz a tomar conta deles, a dar-lhes tudo aquilo de que necessitam para serem felizes. Se pudesse, dava-lhes um amor como o nosso embrulhado em papel de prata.

Encontro-te adormecida sobre a escrivaninha do quarto, com uma caixa de aguarelas ao lado. Sempre gostaste acima de tudo de pintar. O pincel caiu-te no chão, a aliança ficou pousada ao lado da caixa de tintas, aperta-te o dedo que os anos engrossaram. Desenhaste Estremoz iluminada, a Lua imensa cintilando nos telhados. A aguarela tem uma dedicatória, levemente manchada—um pingo de água a mais, talvez. «Para a Joana e o Afonso», é o que está escrito na dedicatória manchada. Dobro-me para apanhar o pincel, e nesse mesmo instante entra pela janela um pássaro—uma pomba, um corvo, seria?—que leva no bico a tua aliança, e voa, outra vez, para muito longe.

## COMO DE COSTUME

Tinhas acabado de limpar as lágrimas, e desta vez não era por mim que choravas. Vinhas sem pintura, com o cabelo revoltado, não pediste desculpa da hora e meia de atraso, não disseste nada. Nem parecias tu. Nos noventa e dois minutos em que esperei por ti senti que qualquer coisa mudava, pela primeira vez era eu quem estava à tua espera, eu que nunca esperei nada de ninguém.

A ausência das tuas ininterruptas certezas, das tuas gargalhadas, dos teus passos saltitantes, dos teus vestidos cor-de-rosa, começou a irritar-me ligeiramente. Se tu não viesses, teria de sair de casa, procurar um ruído de fundo que afogasse a falta do teu espectáculo. Habitava-me a ti, até as paredes brancas da minha casa estavam a chamar pelas tuas tenebrosas cores Walt Disney e eu não estava a gostar nada disso. Ficaste sentada na cama com os olhos fixos na janela, a vizinha da frente estendia a roupa e cantava um fado desgraçado qualquer, era assim todos os dias mas hoje o que eu ouvia era a voz com que ela sonharia cantar, uma voz que acalmava todas as coisas. Não sei quanto tempo passou desde que te comecei a acariciar a mão muito devagar. Fizemos amor em silêncio, não encontro outra forma de o dizer, fazer sexo é demasiado fabril, ter relações sexuais soa a livro de educação, mas a verdade é que agora dizer que fizemos amor tem demasiado peso, como se estas palavras estivessem a ser aspiradas para um sítio excessivamente escuro e sério dentro de nós, através do movimento do teu corpo no meu. Acordei sobre o teu umbigo imóvel, sorríste mas continuaste calada, um fio de água brilhava no teu rosto.

— Vamos jantar?

— Não tenho fome, Manei, desculpa.

— Estás doente?

A Teresa que eu conhecia responderia, a rir, qualquer coisa como: «Credo, Manei. Até parece que sou o Papa-Montanhas!» Bem, mas, de qualquer forma, a Teresa que eu conhecia estava sempre com fome.

— Já jantei, com ele. Ele apareceu lá no ministério a convidar-me para jantar e ir ao cinema, eu disse-lhe que tinha combinado com uns amigos ir ao teatro, ele pôs aquele ar muito despachado e disse que não fazia mal, que ia sozinho comer uma piza e depois ia na mesma ao cinema, eu não tive coragem, sabes como é, parte-se-me o coração de o imaginar assim, sem ninguém e a fazer de conta que está tudo bem, por isso acabei por ir com ele à tal piza. Mesmo assim custou-me horrores deixá-lo à porta da Cinemateca, com aquele sorriso todo esfrangalhado que ele agora tem. Mas eu faço-te companhia. Como qualquer coisa.

Nem tocaste na musse de chocolate, que é a minha especialidade. Tem seduzido outras muito menos gulosas do que tu, desta vez nem era para te seduzir. Não era preciso. Era só para o meu prazer, confesso: adoro ver-te lamber a colher, no fim, pasmo da alegria que te ilumina a cara quando comes um doce, além de que é dos poucos momentos em que ficas realmente calada. Quando, digamos, para simplificar, vamos para a cama, também.

Se calhar é por isso que nos entendemos tão bem quando fazemos isso que agora deixou de ter nome.

Podia ter-te dito que estavas muito a tempo de voltares para ele, que eu nunca te tinha pedido e muito menos prometido nada. Claro que não gosto de sentir que ando a dormir com a namorada de outro, ainda por cima um tipo simpático como o Rui. Simpático não é bem o termo para um tipo que está sempre pronto a dar uma ideia melhor e a sugerir «outros ângulos de abordagem», mas, enfim, já se sabe que a televisão não perdoa, o sucesso injecta doses maciças de auto-suficiência nas pessoas e este ao menos consegue manter a vontade de o partilhar em vez de, como é costume, sugar todos os átomos de informação útil aos outros. Seja como for, problema deles.

Eu só quero viver a minha vida, sem exigências nem compromissos. Por isso fiquei aliviado quando tu o largaste, não me apetecia ser protagonista de uma fita de faca e alguidar e muito menos sair do ministério com o nariz partido, a manchar aquele mármore todo. E acho que nunca mais era capaz de te beijar, se toda a gente soubesse o que se passava entre nós. Essas coisas têm que ser fortuitas como segredos, ou a vida perde a pouca graça que já tem.

O que existe entre nós, Teresa, só pode existir se não puder ser dito. Por isso é que nunca me ouvirás nada, Teresa, e menos que nada ouvirás o restolhar da melancolia a tomar conta do meu coração. «Eu e o Rui já não somos namorados», disseste tu. «Expliquei-lhe que o amor acabou, ele ficou triste mas disse que são coisas que acontecem, depois fui pô-lo a casa como de costume e ele deu-me um beijo na testa e pediu-me para ficarmos amigos.» No dia seguinte era a *vernissage* de uma exposição de arquitectura no Centro Cultural de Belém, ao fim da tarde perguntei-te se não querias passar por *lá*.

«Pode ser. O Rui telefonou-me agora mesmo, deve estar aí a chegar, vamos todos.» Faz sentido: o Rui mora no quarteirão a seguir ao teu, e não sabe conduzir. Diz que a vida é demasiado curta para perder tempo a aprender coisas que não adiantam nada, que para isso se inventaram táxis, comboios e aviões. Entretanto, dá-lhe mais jeito apanhar boleia contigo, de manhãzinha cedo e ao fim do dia. Se bem me lembro, foi nessas boleias que nasceu, há três anos, o vosso romance. Mal se senta ao teu lado, no seu lugar do teu carro, o Rui põe-te o cinto de segurança e diz: «Vá lá, menina traquina, eu sei que não gosta de apertos mas às vezes tem que ser!» Às vezes diz de outra maneira: «Vá lá, princesa, segure-se bem!» De uma maneira ou de outra, diz sempre. Há três anos que, no banco de trás do teu carro, ouço este estribilho. Depois tira o rádio do porta-luvas, escolhe a cassette, e põe-se a descrever o percurso à maneira de um relato de futebol: «Pela direita apresenta-se agora um feroz e fedorento carro do lixo, mas Teresa avança bravamente, ultrapassa o obstáculo, acelera, apita a um mole enchapelado que ocupa todo o meio campo, faz sinal, vira à esquerda, agora à direita, mas eis que um sinal vermelho a obriga a travar...» Este arrazoado concentra-te e acalma-te, tu odeias conduzir, normalmente transformas-te num carroceiro mal te sentas ao volante, insultas os teus passageiros, os outros condutores, os peões, o mundo, o estratagema do Rui consegue manter-te nos limites da tua personalidade.

Quando saí da exposição já tu e o Rui tinham aceite uns quatro ou cinco convites duplos para jantares e festas. Correste atrás de mim, disseste que ias só pôr o Rui a casa e depois vinhas ter comigo,

dissete que hoje não dava, tinha um trabalho para acabar. Não gosto de combinações prévias, é assim que se ganham hábitos, de qualquer forma encontramos-nos sempre no ministério.

Toda a gente sabe que tu e o Rui agora são apenas amigos, tu dás dois toques de manhã e ele desce, à uma e um quarto ele aparece para o almoço na tasca do costume, quem chega primeiro encomenda, sabem de cor os pratos do dia favoritos um do outro, a televisão é mesmo ali ao lado, ao fim da tarde ele telefona-te, às vezes trabalha até mais tarde, pergunta-te se não pode ir ter contigo a qualquer lado depois, para regressar contigo a Cascais.

Às terças e sextas vão os dois à piscina, as outras raparigas do ministério preferem a ginástica, os homens não são propriamente fanáticos do desporto, eu odeio o cloro, só gosto de nadar no mar, no Verão. Explicas-me que é muito pouco estimulante nadar sozinha, acredito, isso prova como as pessoas são diferentes, a mim, por exemplo, horroriza-me nadar acompanhado. Tu aprecias a energia dos grupos, provavelmente é por isso que as tuas propostas de trabalho são sempre aprovadas, fazes um esboço, depois uma sondagem alargada, de seguida um telefonema ao Rui para saberes o que é que lhe parece, e só então a versão final, com amplo consenso popular. Foi com o Rui que aprendeste a trabalhar assim, dizes, não ias deixar de confiar nele só porque deixaste de o amar.

A menina da casa de hambúrgueres em frente à Cinemateca avisa-te sempre se ele já chegou e foi comprar os bilhetes ou se ainda não apareceu, calculo que faça o mesmo com ele, uma vez fomos lá os dois, e ela aproximou-se logo da mesa, sorridente: «O seu namorado ainda não chegou», tu ficaste muito corada, «percebes, Manei, também não vou pôr-me a explicar à rapariga que ele já não é meu namorado, é dar confiança a mais», eu encolhi os ombros, nunca te pedi nada, tu é que me procuraste, no Inverno passado, eu estava com gripe e tu apareceste com um chá e uns bolos, chovia torrencialmente e tu falavas ainda com mais velocidade do que a chuva, lembraste, de repente esgotaram-se-te as frivolidades do ministério, entraste em pânico, sentaste-te e levantaste-te uma dúzia de vezes, disseste «adeus, ainda bem que já estás melhor» e eu puxei-te para mim, fiz-te uma festa na cara, acordei na manhã

seguinte com a tua voz ao telefone, falavas baixinho, dizias: «Desculpa lá, Rui, hoje não te vou buscar porque fiquei a dormir em Lisboa, em casa da Joana, ela estava muito em baixo, depois conto-te.» Ligaste depois muito depressa para a Joana: «Querida, pelo amor de Deus, se o Rui te perguntar, eu hoje dormi aí contigo.»

Aos domingos à tarde ele vai a tua casa para a lição de piano, afinal são pessoas civilizadas, não havia razão nenhuma para o privares desse teu dom, além de que ele conta com a tua opinião sobre os programas dele, vêem juntos as cassetes, tomam notas, corrigem os pormenores, é divertido, dizes, e além disso educativo, aprende-se imenso a vê-lo trabalhar, tira ideias de tudo. Depois, geralmente, ele janta em tua casa, contigo e com os teus pais, adora o suflê de fiambre da tua mãe como tu adoras o arroz-doce da mãe dele, toda a gente percebe perfeitamente que as pessoas podem acabar um namoro e ficar amigas.

Há sete meses e meio que vocês são apenas amigos inseparáveis e os vossos amigos comuns aplaudem essa rara conquista da maturidade sentimental que os poupa às duras manobras diplomáticas das separações, é muito mais prático continuar a sair com os dois ao mesmo tempo. E quando dormes em minha casa continuas a telefonar-lhe de manhã dizendo que ficaste em casa da Joana. A única diferença é que já não telefonas para a Joana logo a seguir.

Não sei o que é que me levou a dizer-te ontem, a meio da noite, que não podias ficar porque não gosto que o meu telefone seja utilizado para mentiras. Deve ter sido porque ganhaste agora o hábito de te aninhares no meu ombro durante o sono e eu tenho medo. Respondeste que a verdade é que estás apaixonada por mim e que eu gosto de ir para a cama contigo e ponto final. E perguntaste se me parecia bem magoar alguém por causa de uma verdade tão pindérica, ou se eu queria ser teu namorado. Não, não quero ser namorado de ninguém. A vida já não pode ser clandestina, que o seja ao menos o amor. Mas isto não te disse, de qualquer forma tu já estavas de joelhos no chão, recolhendo todas as peças da tua roupa, depois abriste a luz, disseste que era bom que eu também não conseguisse pregar olho e saíste, batendo com as portas todas.

Agora acabas de pousar o telefone e eu sei que estás a chorar. Sem lágrimas, porque não és do género de chorar em público, não queres que pensem que és fraca. Mordes os lábios, acendes um cigarro, fixas os olhos no computador. Percebi que sussurravas à Joana que o Rui vai meter férias de urgência, parte amanhã para Londres sozinho porque tu lhe disseste que tinham de fazer o luto, não podiam continuar a encontrar-se todos os dias como se tivessem uma vida comum. E, como de costume, digo-te que tenho um convite para uma *vernissage* ao fim da tarde e pergunto-te se, por acaso, não queres passar por lá.

## CONVERSA DE CAFÉ

O senhor importa-se que eu lhe conte a história da minha vida? Há sempre um dia em que temos de contar tudo. Mesmo que depois acabemos arrependidos. Se bem que eu, não sei porquê, nunca fui muito de arrependimentos. As minhas amigas espantam-se: «Não me digas que nunca te arrependeste de casar com o bronco do teu marido.» Mas diga-me lá: porque é que eu havia de me arrepender? Casei de penákti, é verdade, porque se não fosse assim tinha ficado toda a vida no meio campo, sabe como é.

O senhor percebe de futebol? Claro que não, se gostasse estava agora a ver o jogo. Não se desculpe, um homem assim é um luxo. Ponha anúncio, senhor: cavalheiro sem interesse por futebol procura companheira. Vai ver que lhe aparece uma resma de mulheres de todas as idades e feitios. Se calhar não precisa. E estranho que um homem não precise de uma mulher. Ou de mais uma mulher. Mas a vida está cheia de coisas estranhas. Olhe para a minha. Eu cantava o fado numa tasca de Alfama. Cantava só por desporto, às sextas e sábados, pela noite fora. Por sinal cantava bem. Pelo menos era o que me diziam, que eu era afinadinha. Punha tudo a chorar, até carregava nas letras para puxar pelas lágrimas, inventava umas desgraças mais desgraçadas ainda do que me chegavam à voz. Foi assim que conheci o meu marido, pelos meus trinta anos. Ele tinha vinte e cinco, e por isso eu pensei que ele era mais novo do que eu. Nisso enganei-me. Não era um homem bonito mas tinha uns bons braços, músculos grossos. Falava pouco, eu quis crer que era timidez. No fundo, eu sabia que o que o punha calado era só a falta de assunto. Não era nenhuma menina, já conhecera outros mudos do mesmo género. Mas este era certinho. Ainda adubava o sonho de ser futebolista, mas já começava a fazer contas de banco para ver quando é que podia passar de talhante a dono de um talho. E eu precisava de me arrumar. Mais de metade dos meus antigos namorados já estavam casados. E, como me dizia a minha mãe, eu não era tão bonita que me pudesse armar em princesa da ervilha. Não, não me diga que a beleza está nos olhos de quem a vê, senhor,

porque não é verdade. A beleza está é no coração de quem a sente, e uma mulher casada fica logo muito mais à vontade para se ver bonita. Já foi a escolhida, percebe? Claro que percebe, todos os homens percebem isso. Tivesse eu percebido mais cedo, andaria de aliança desde os meus quinze anos, garanto-lhe. Mas também é verdade que os homens farejam as alianças falsas. Os homens são todos faro, como as mulheres-faróis. Faróis de encandear cães, pois. E lá me casei, já com a minha Amália na barriga. Ainda bem que foi menina, se fosse rapaz o meu marido queria chamar-lhe Eusébio, que, com o devido respeito, é um nome sem romantismo nenhum. Filho meu havia de se chamar Carlos, como o nosso Carlos do Carmo, isso sim. Mas o meu marido, calcule, nessa altura desconfiava que eu tinha tido um caso, em cachopa, com o próprio artista. E eu enternecia-me com esses ciúmes dele. Agora, graças a Deus, o meu homem já não tem ciúmes nenhuns de mim. Mas é que mesmo nenhuns, coitado. Tanto que, quando ele se senta em frente à televisão a ver o jogo, eu deixo-lhe as cervejas e os tremoços a jeito e piro-me logo de casa. O relato faz-me dor de cabeça, compreende o senhor? E até gosto de jogos. Mas os jogos de que eu gosto são os das máquinas. Aquelas máquinas de corridas de carros, ou de perseguições violentas, está o senhor a ver? Joguei uma vez por desfastio e agora não quero outra coisa. Foi na casa das máquinas que eu conheci o meu futebolista. Só não lhe posso é dizer o nome dele, que é muito conhecido. E não me parece bem estar assim a pôr a nu a vida íntima de uma pessoa que por sinal é figura pública. Mas a verdade verdadinha é que eu não sabia quem ele era. Juro-lhe. Fui-lhe pedir para destrocá-lo para a máquina, e ele ficou muito espantado porque eu o tratava como um desconhecido. Acho que foi por isso que ele engraçou comigo. Estávamos os dois sozinhos na casa de jogo, naquela tarde. Havia um jogo da selecção nacional, e quase não se via ninguém na rua. Depois é que eu percebi que ele estava marafado de todo por não ter sido escolhido para jogar. Estava a recuperar de uma lesão e o treinador não quis arriscar. Mas que estava de mau humor percebia-se logo, pela cara fechada e pela voz zangada com que me respondeu: «Nem tenho trocos, nem ninguém me dá troco.» E já trazia um grão na asa. Disse-lhe: «Olhe

que é pecado andar zangado com o mundo com essa cara e esse corpinho.» Mas disse-lhe sem intenção. Como de mãe para filho, está a ver? Só que ele não estava nada a precisar de mãe. Nem eu de um filho, valha-me Deus. De maneira que acabámos num quarto de pensão ali mesmo ao lado, a marcar mais golos do que a selecção num dia bom. Não sei se o senhor me entende. O meu marido estava pior do que um gato molhado quando eu cheguei a casa. Berrava que se o camelo do treinador tivesse escolhido o não sei quantos, apesar de estar lesionado, outro galo cantaria. Como eu estava bem-disposta, fiz-lhe um arroz de feijão com miúdos que o pôs logo melhor. Até me disse que eu estava bonita—coisa que não me dizia, que eu me lembre, desde o dia do casamento.

De maneira que lá telefonei ao não sei quantos. Naquela altura ainda não sabia que o não sei quantos do meu marido era o mesmo que o meu, está a ver? Não foi por perversidade ou maldade, ou essas coisas que se dizem das mulheres quando elas olham para o lado, que eu me meti nesta história. Pareceu-me que aquele rapaz era uma bênção que descia sobre o meu casamento. Foi só isso. E continua a ser só isso. Embora a bênção tenha descido sobre a minha família inteira. E que, passados uns meses, a minha filha foi a Fátima cumprir uma promessa. A minha Amália é muito devota. Gosta do seu pecado, é verdade—mas olhe, pelo menos nunca se meteu em drogas. Tem tendência para paixões fatais, depois toma comprimidos, depois arrepende-se. Da última vez ia-se ficando, e jura que foi a Virgem quem a salvou. De modo que foi a Fátima, e quando andava de joelhos e terço na mão, a rezar, em volta da imagem da Virgem, apareceu-lhe um homem a atazaná-la, a fazer pouco dela - tão novinha, tão bonita e já de joelhos, o que é que terás andado a fazer? Há gente sem escrúpulos, senhor, sem respeito nenhum pelo caminho mais sagrado da alma das pessoas. E então aproximou-se um rapaz que estava também ali a rezar e sacudiu o emplastro. E a minha Amália acabou por ir tomar um café com esse rapaz e, disse-me ela depois que sem perceber como, acabou a dormir com ele numa pensão da Batalha.

Aposto que o senhor já está a adivinhar quem era esse rapaz. Espante-se à vontade, que eu também me espantei. Imagine a minha cara quando a minha filha me veio contar que tinha um caso com o

jogador preferido do pai, mas que ninguém podia saber nada porque ele já era casado. Até parece que só há um homem neste país, não é? Mas olhe, para mim este rapaz é uma espécie de anjo que veio a este mundo para nos unir. Ele não sabe de nada, coitadito. Quero dizer, nenhum deles. Nem é preciso, o senhor não acha? Disse-me a minha Amália que, dessa primeira vez, lá na Batalha, o rapaz lhe disse que ela lhe fazia lembrar uma mulher mais velha que era muito importante na vida dele. Está a ver como um só homem pode, numa só frase, animar o coração de duas mulheres?

A mim ele diz-me que só conheceu raparigas demasiado bonitas, manequins, ou assim, e que essas não sabem dar. Que até os momentos mais íntimos, não sei se o senhor está a ver, parecem estar ao espelho a ver se têm tudo no sítio, e precisam de muitos «com licença» e «obrigada» para se sentirem felizes. Ao passo que eu, é bem verdade, quando estou com um homem nem sei de que terra sou. Não me leve a mal a expressão, é só um desabafo, não estou a querer nada do senhor. Palavra de honra. De modo que este arcanjo da bola caiu-os do céu para nos fazer felizes a todos, pelo menos é assim que eu o vejo. A minha filha fez-se outra: o cabelo parece que lhe brilha, ri-se muito, e quando se ri parece que traz o sol no corpo. Até arranjou um bom namorado, um rapaz sério, que gosta dela. Mas não consegue desistir de dar uma volta de vez em quando com o futebolista. E quem sou eu para a criticar? Uma voltinha de vez em quando, assim muito de vez em quando, que mal é que pode ter? Quando ele tem jogos cá em Portugal, telefona sempre: uma vez à Amália, outra a mim. Às vezes, telefona às duas: comigo é sempre à tarde, com a minha filha é mais à noite.

E só eu é que sei disto tudo, já viu bem? Nem a uma amiga posso contar esta história, que as mulheres falam que se desunham. De mãe para filha, era um instantinho enquanto tudo se sabia. Acha que tenho cara de mulher que estraga a vida à família? Não, senhor. Hoje, olhe, é o meu marido quem está feliz, porque o nosso não sei quantos está a jogar. Se o senhor visse as defesas que ele faz. Atira-se para o chão em voo, que para defender bem é preciso não ter medo de cair. Agora até eu já gosto da bola. Quero dizer, pelo menos gosto de o ver jogar. Mas ao pé do meu marido não, sei lá, parece-me um

bocadinho uma falta de respeito, o senhor não acha? Até porque quando vejo o outro fico logo mais engraçada, e depois o meu marido começa com ideias. E não me parece bem misturar um amor com o outro, o senhor não acha?

Olhe, obrigadinha pela sua atenção. Aliviou-me muito. Agora tenho que ir indo, que o jogo deve estar a acabar. Até qualquer dia, senhor. Tenha uma boa vida, que é o que eu desejo sempre para mim e para os meus.

## A COR DOS ANJOS

No ano passado toda a gente teve a delicadeza de não me falar do Natal. O Frank e a Martha arrastaram-me para casa dos pais deles no Connecticut, e nem um cheiro a azevinho havia no ar. Ninguém falou em estrelas, pinheiros ou iluminações, não houve presentes, nem esses *Christmas carols* que tu andavas sempre a cantarolar. Meu anjo. A televisão esteve sempre ligada num canal culinário. Evitaram cuidadosamente tudo o que tivesse um qualquer laivo de juventude, *music videos*, desportos radicais. Nos canais normais eles tinham medo que aparecesse, pela milionésima centésima vez, a imagem do avião a entrar pelas torres, entrevistas com as famílias dos sobreviventes, ou aqueles infundáveis debates em que tu me morres outra vez, submersa no horror abstracto dos números. E depois há sempre alguém, do outro lado da mesa dos debates, que interrompe para perguntar: «E quantos morreram no Chile, a onze de Setembro de mil novecentos e setenta e três? E na Palestina ocupada? E em Hiroxima? E em...» E nessa altura a tua morte já nem é nada, tu nunca foste ninguém—só a filha felizarda de um emigrante português cheio de sorte. Uma jovem felizarda que numa bela manhã de Setembro teve o azar de entrar no sítio errado à hora errada. «Oh, pá, da maneira que está o mundo... pelo menos a miúda não sofreu.» Cães. Antes ladrassem. Antes me esquecessem, os que me querem consolar assim. Coitados. O que é que eu diria a um tipo que perdeu a filha—e por sua culpa?

Porque fui eu o culpado, sim. Há um ano que o *shrink* anda a tentar convencer-me que não, mas por mais mortais encarpados que faça ao Freud, eu sei que tenho culpa. Pelo menos de não ter morrido contigo. Sim, ao menos que tivéssemos morrido nos braços um do outro, ao menos que eu tivesse podido beijar-te, sussurrar-te que tudo aquilo era apenas um pesadelo, que daqui a pouco acordarias e tudo estaria bem, como quando tinhas seis anos e bastava contar-te uma história de palavras mágicas. Tu estavas a passar uns dias em casa de uma amiga, *downtown*, e lembraste-te de ir matar saudades do pai. Matar saudades, caraças. E o esperto do pai tinha decidido

ficar mais um bocado na cama com uma namorada, para aproveitar bem a alforria temporária. Sofrias tanto, por causa dos namorados. Mas eu sabia limpar-te as lágrimas. Levava-te ao colo até ao espelho, fazia-te rir, no fim já acreditavas que o azar era deles.

E quer o *shrink* que eu volte a namorar. Fácil de dizer. Encontro-te, dia após dia, hora a hora, em cada rapariga. Vou pela rua e vejo-te, todas as adolescentes de cabelo laranja ou lilás (mudavas muito de cabelo) se parecem contigo. O que é estranho, porque tu eras incomparável. A princípio gritava o teu nome. Cheguei a correr atrás delas, a agarrá-las. Agora continuo a ver-te, mas calo-me. Já sei que não podes ser tu—convenço-me de que não podes ser. Fui ao Kinko's fotocopiar trezentos *flyers* com a tua cara, recortada de uma fotografia de férias, com os meus telefones por baixo, em números grandes. Passei dias a colar essas fotocópias pelas paredes da cidade. Nova Iorque estava coberta de fotocópias de sorrisos desaparecidos, com números de telefone garrafais.

Durante semanas, que eu fui esticando até ao Inverno, havia aquela esperança de que tu estivesses em qualquer lado, de que tivesses conseguido fugir de alguma maneira, por alguma escada esquecida.

Às vezes estou no café e levanto-me de repente, ergo a mão para te acenar quando tu entras. Então a rapariga verdadeira, que não és tu, franze o sobrolho, com um ar desconfiado, e eu vejo que aquele rosto não é o teu embora, querida filha, tu fosses muito desconfiada. Muito crédula e muito desconfiada. Nunca chegaste a ter idade para o pecado meio-termo. Desvio o olhar para o vazio, atrás da rapariga que já não és tu, e continuo a acenar, até que ela perceba que não estava a tentar meter conversa. Nos primeiros meses, quando eu corria para os braços dessas múltiplas mistificações de ti, elas acarinhavam-me: «Não, não sou eu, desculpe.» Sorriam-me, tinham pena. Digam lá o que disserem, a pena é uma coisa boa. Tenho pena de ti, amor lindo, uma pena infelizmente muito intermitente, quase sempre mais pequena do que a raiva que tenho de mim mesmo. E a pena dos outros foi um grande conforto. Aparicaram-me, levaram-me ao colo para a cadeira do psiquiatra. Até me arranjaram emprego. Evitaram cuidadosamente qualquer referência a filhos, em particular

meninas. Agora já ninguém tem pena. Dizem-me que tenho que reagir, que a vida continua, que já lá vai um ano. Achrom que estou a reagir bem, porque tomo todos os comprimidos que o *shrink* me impinge e trabalho que nem um louco, fins-de-semana incluídos. E engordei, o que é sempre um grande alívio para os amigos. Engordei porque carrego na dose de cerveja, e deixei de ter paciência para cozinhar. O rolo de carne que tu adoravas, os grelhados aromáticos que eu fazia quando tu não querias comer para não engordares, para que me serviriam agora? Vivo de fatias de piza. Como já não ando a farejar namoros, competir com o meu amor desaparecido. A baralhar tudo. A contar todas as histórias de mortes na família, até à quinta geração. Jesus. A quantidade de gente que me veio contar desgraças de filhos, sobrinhos e afilhados mortos em acidentes horríveis. Ou então entrevadinhos - para que eu entendesse a sorte que tenho, percebes?

Este Natal, decretaram oficialmente terminada a época do luto. Queriam levar-me de consoada em consoada, cantando e ressuscitando até ao Ano Novo. Mandei-os bugiar. No dia de Natal levantei-me cedo e decidi ir ver os anjos nas ruas de Nova Iorque. A manhã estava muito fria, uma dessas manhãs em que nascem nuvens azuis da nossa respiração. Sempre imaginei que os anjos gostavam de nuvens e frio, pelo menos era o que tu me dizias, quando passeávamos, de mão dada, até à pista de gelo do Prospect Park. Gostavas tanto de patinar no gelo. Mas não havia agora anjos à vista—só meia dúzia de raparigas de gorro, com ar apressado, carregadas de sacos de embrulhos, nenhum ser alado com o cabelo roxo e uma coleção de *piercings* a brilhar.

Caminhando pela manhã deserta, passei pelo hospital onde dantes fazia voluntariado e entrei para dar sangue. No dia de Natal há sempre mais feridos do que dadores, é uma coisa que não ocorre às pessoas. Fui ficando por lá, na sala de espera das Urgências, consolando crianças feridas, algumas delas doentes e abandonadas. Passei o dia a inventar histórias de monstros afáveis em planetas distantes e consegui esquecer-me das horas. Desde que tu desapareceste, o tempo tornou-se pesado, cada hora repete a tua vida inteira e o desespero da tua ausência. Percebi que me

conduziras os passos até este hospital para me ofereceres outra vez a possibilidade do riso.

Anjo lilás. Obrigado pelo teu presente de Natal. Sempre tiveste um talento especial para me surpreenderes.

Deves moer o juízo ao Velhote das Barbas, aí em cima. Eu sei que não acreditava nele, nunca acreditei. Nem quando tu desapareceste no inferno das torres— a partir dessa data passei até a odiá-Lo. Claro que só se odeia aquilo em que se acredita, nisso tens razão, querida. O teu riso com guizos de renas, Natal em todas as estações. Mas o pior é que quando muita gente acredita em alguma coisa, essa coisa passa a existir mesmo. Para mim o Grande Manipulador de Marionetas nunca existiu, mas já reparaste quantas guerras existem no mundo, desde sempre, por causa Dele? O teu riso com dedos de sol a dizer-me que Ele é igual a nós, ao que imaginamos de nós. Tantas crianças sem ninguém, pelo mundo fora, sussurras-me tu. Nenhuma delas serias tu, digo-te eu, e o teu riso aquece-me, faz troça de mim. Preciso tanto que faças troça de mim. Talvez um dia encontre esse teu riso trocista, vais emprestá-lo a um rosto inesperado, provavelmente de uma cor diferente do teu. Tanto que tu gostavas de cores diferentes, da radiosa diferença de qualquer cor. O teu riso, agora em arco-íris, ilumina essa criança que ainda não conheço, que não sei se algum dia quereirei conhecer. Talvez o riso seja mais contagioso do que a dor. Talvez. Mas, por agora, dou as mãos à memória da tua voz para regressar a casa, dançando do passeio para o asfalto as canções de Nova Iorque que tu cantavas por cima da minha voz, quando eu te ralhava. Por agora, danço entre os arranha-céus até que eles se diluam, danço como se tu pudesses renascer da água dos meus olhos, inundada de luz.

## EUROPA, PLANO NOCTURNO

À memória de Carlos Casares

«*Sorry. I don't speak english. Just esperanto. But we must have a little faith in people.*» A única carta de amor que não esqueci dizia só isto. Porque eu recebi muitas cartas de amor, sim. Por isso me custa tanto suportar os olhares de piedade das pessoas que param meio minuto diante de mim e abrem as carteiras para largar um par de moedas na caixa de cartão que tenho ao meu lado. A caixa do último par de sapatos que comprei para a Zinaida. Essa carta escreveu-me um sueco, no verso do bilhete que eu lhe deixara preso ao espelho da casa de banho. O meu bilhete dizia: «*Life is a bitch, so I'm a bitch.*» A frase ficara-me de um filme com a Michelle Pfeiffer, *Cat Woman*, ou coisa parecida. O sueco, conheci-o em Estocolmo, há seis anos, numa madrugada em que decidira sobrevoar a cidade de balão. O meu hotel ficava em frente ao Teatro Dramático Real onde, em 1933, Miss Ingrid Bergman se estreara. Há seis anos moravam pelo menos nove Ingrid Bergman em Estocolmo—pode ser que até existissem mais duas ou três fora da lista telefónica. Viverão todas estas raparigas na ânsia da glória eterna?

Meditava neste género de coisas enquanto olhava para o vento, às três da madrugada de mais um dia sem noite, rezando para que o balão pudesse subir. O balão não subiu, e o homem velho—porque era isso que ele era para mim, um homem velho—ofereceu-me boleia. Contou-me que aprendera esperanto na juventude porque se convencera de que seria essa a língua do mundo, para todos. Ria-se muito enquanto confessava esta puerilidade; ria-se muito, e acho que foi por isso que na noite seguinte fui dormir com ele.

Habituara-me a dormir com homens desde muito nova—era das poucas liberdades permitidas no meu país. Comia pouco e consumia muitos homens. Consumia-os recatadamente, quero dizer, sem prazer, o que me dava uma confortável sensação de virgindade. As mãos sapudas do comissário Aleksander Viktorovich Larionov, que me percorriam com um método de arquivador, não contavam como experiência erótica. Arranjara-me um simpático emprego de

escriturária a troco de uma dúzia de resfolegadelas semanais sobre o meu corpo inerte. Eu só queria fugir para sul, para a Europa tão passional dos ricos e dos miseráveis. O esplendor da Europa entra-nos por um ouvido e já não sai, como um refrão dos Beatles ou o dedilhar de uma guitarra grega, talvez andaluza.

No sexto andar direito dos Apartamentos Gagarine, comecei a fugir através de canções violentamente estrangeiras e trauteáveis, mais tristes do que uma morte acidental. Nessas noites brancas de Estocolmo quase cedi à tentação do amor. Mas ele era um velho, um homem de sessenta anos já reformado da função pública, apenas interessado em voos matinais e no futuro da Europa. E eu estava zangada, já não era tão nova como tinha sido e, como as crianças e os homens maduros, gostava um pouco de tudo e muito de nada. Além disso, o convite para manequim na Suécia transformara-se numas actuações de corista num *night-dub* de quinta categoria. Por isso, quando um fotógrafo inglês me propôs uma temporada em Londres, nem hesitei. Darya Semionovna havia de ser a nova deusa do *Wonderbra*, em papel de lustro.

O esplendor da Europa resistiu, em casulos sucessivos, a todas as decadências, pela paixão da paciência que sempre se sabe rir das paixões maiores. Pelo menos era isto o que me dizia o sueco. Mas eu passara demasiados anos longe do tempo para poder ter paciência. Todos os dias o tempo desfaz mais uns milhares de corpos, os que ainda não morreram projectam-nos para todas as cidades do mundo enrolados em lonas, debaixo de chuva ou entre paredes esventradas. Longe de mim a lona do tempo engrossa, num trabalho incessante. Vejo os homens que a enrolam e desenrolam lentamente, repetindo os gestos antigos da colheita, procurando agora estender os braços até ao infinito, para que sangue nenhum fique sem mortalha e o mais absurdo dos sofrimentos humanos possa entranhar-se e pesar no lençol sujo e sagrado da memória. O rosto destes homens que enrolam lonas vai ganhando a pouco e pouco a cor parda desse tempo sobre o qual continuamente trabalham. Só o movimento dos braços e a força das mãos recorda o mito masculino de onde vieram, território de caça e protecção. Enrolando e desenrolando o tempo foram ficando com os olhos baixos, carregados da tristeza dos que

vêm morrer já muito longe da vida. Os homens presidem à morte como as mulheres presidem à vida—mas a morte escapa-lhes por entre os dedos, já não se trata de um coelho, um trofeu, um inimigo. A morte escapa-lhes, e eles adquirem a transparente fragilidade das mulheres que se habituaram a ver os filhos partir, esquecendo-as a cada passo. Até as rugas foram abandonando estes rostos talhados pela partilha do negrume.

Meses depois descobri que estava grávida – mas como sou rija como um cossaco só o descobri tarde de mais. Ou melhor; só tentei fazer alguma coisa contra isso tarde de mais—a lembrança que guardava das minhas anteriores interrupções de gravidez conduzia-me à vertigem do esquecimento. Por duas vezes me tiraram projectos de crianças da barriga, numa maca fria de um hospital de Leninegrado, por duas vezes tapei a dor com imagens retocadas das colónias de férias dos Pioneiros, corridas e marchas e explorações florestais guardadas pelo riso intacto da infância. Já não tinha coragem para esvaziar a barriga outra vez.

E a minha carreira não avançava: as sessões fotográficas do inglês deixaram-me apenas visceralmente nua, pronta a pendurar em garagens de subúrbio. Para não desanimar, pensava que também a Madonna posara para pintores—enfim, não numa nudez tão absoluta, é certo. Porém, os tempos não paravam de evoluir, e a ideia de nudez adquiria contornos cada vez mais específicos. Mas a Madonna criara-se na América, e isso, parecendo que não, é mais de meio caminho andado. Eu não conseguia livrar-me desta Europa pesada, cheia de famílias seculares, de guerras tribais, onde parecia impossível destrinçar índios e cobois. O esplendor da Europa cintilava, para mim, nessa América infantil, um fogo-de-vistas de vencedores rápidos em ecrã panorâmico. E, na verdade, já não tinha a pouca idade da beleza absoluta. Nem dinheiro para tornar a tê-la, às mãos de um médico experiente.

De maneira que acabei por atravessar a Mancha e apanhar uma série de comboios a caminho de Lisboa, uma cidade no extremo ocidental da Europa onde parecia que estavam à procura de professores de Russo. Estranhei, mas respondi ao anúncio, e chamaram-me.

O esplendor da Europa fez-se da teimosia de dobrar o mundo até o fazer coincidir com os sonhos, ou de ampliar os pesadelos à dimensão romântica de uma memória de bolso. «Os sonhos são os mesmos, em todos os lugares» — onde terei ouvido esta frase?

Nunca cheguei a Lisboa. Contaram-me que é uma cidade com alma de azulejo, lascada a azul e branco, com a perspectiva aldrabada para sintonizar o olhar com a intimidade da imaginação. No comboio entre Paris e Madrid encontrei um casal de médicos espanhóis que tinham estado como voluntários na Bosnia, a tentar salvar mulheres e crianças estropiadas. Preferiam as anedotas às histórias de horror, recitavam poemas em várias línguas e não paravam de se deslumbrar com coisas tão simples como as tonalidades de verde das árvores e dos campos. Tinham um par de sorrisos fiéis como relógios — pareciam o espelho um do outro. Convidaram-me a ficar com eles em Madrid até que a criança nascesse. A minha filha começou a nascer nos degraus do Museu do Prado, numa euforia de Goyas, Velazquez e Grecos — quando chegámos ao hospital já quase se lhe via a cabeça, e depois pôs-se a chorar ferozmente.

Ainda hoje, só a pintura a acalma. É verdade que também nunca teve outros brinquedos senão lápis de cor. Zinaida ergue a mão para pedir como quem leva um pincel ao encontro da tela. A mão da minha mãe alonga-se à transparência dos pequenos dedos dela, a mão da minha mãe ostentando um cabide com o seu casaco de zibelina, luxo dos tempos de segurança soviética, a minha mãe vendendo na rua, depois, blusas, rendas, roupa interior, a mão estendida, muda, aristocrática, tardes inteiras, na rua paralela à Perspectiva Nevski, ou seja, a poucos passos da riqueza mais absurda. A minha filha estende a mão vazia, neste instante, para o frio de Paris, os seus pequenos dedos cada vez mais roxos, gretados, as minhas lágrimas caem sobre essas mãos pequenas e frias e ela repete as palavras da avó que não conheceu:

«Pedir não é vergonha. Os que têm muitas coisas devem dar aos que não têm nada.» No gelo das mãos da minha filha soa a voz da avó dela: «Darya, tu não tens moral. Es capaz de te vender, mas não és capaz de pedir.»

Tardes inteiras, a minha mãe vendeu tudo o que possuía, muda como uma imperatriz, o braço estendido com um cabide de cada vez na ponta dos dedos. «Os sonhos são os mesmos, em todos os lugares»—a frase que encontrei num banco de comboio, já não sei em que língua, sussurrada por um homem alto ao ouvido de uma mulher loira, talvez alemã.

Antes da enxurrada que desregulou o relógio da morte, era nos dedos que o tempo endurecia, devagar, ponto a ponto, sob o fio de uma agulha ou de uma faca brilhando de ciúmes no meio da noite. O tempo tecia-se de juras interrompidas, traições anunciadas, matérias arrefecidas de amor e solidão. As mulheres tratavam de remendar o tempo, cumprindo promessas, trocando segredos, matando animais, convocando as santas. Nasciam já feitas. Os homens começavam por ser meninos e depois rapazes. Precisavam de ritos, precisavam de marcas que os inscrevessem no tempo, que os recortassem da paisagem. Marcas que lhes concedessem a ilusão do domínio, a maior e a mais masculina das ilusões. Antes da enxurrada, os homens faziam-se pela força, as mulheres sentiam-se pela beleza.

Os médicos espanhóis partiram de novo, dessa vez para a Roménia, creio. Deixaram-me a casa, um envelope cheio de pesetas, o frigorífico cheio, alertaram-me contra os lobos da floresta e desapareceram: «Não aceites propostas de desconhecidos. Há um grande tráfico de raparigas do Leste para prostituição. E de bebés, para vender na América.» Aceitar propostas, como, se eu não falava com ninguém? Falava com a Zinaida, claro que só me respondia com gargarejes. E cantava em dueto com o canário. «Cala-te, que assustas os pássaros» o meu pai, troçando de mim. Provavelmente a grande paixão da minha vida, o meu pai: «A Irina é muito dotada. A Darya, coitadinha, é bonita.» Recordo o corpo do meu pai, baixo, entroncado, forte. Gostava sobretudo dos braços dele, da exactidão de pedra com que se moviam. E dos olhos pequenos, escuros, redondos, dois sinais de trânsito em alerta permanente. Imaginava que ele repetia esta frase para esconder aquele amor especial por mim. Escolheu uma coitadinha lituana quase tão bonita como eu—e um bocadinho mais nova—e abriu uma loja para turistas em Vilnius, quando o Império desabou. Foi nessa altura que a minha mãe

começou a vender coisas. E a dizer mal dele, o que era muito triste. Afinal, fora ele quem lhe dera aquele casaco de zibelina. Mas o meu pai não era um homem mau. «Atira-te, que eu agarro-te. Estás a ouvir?» A voz desse homem que eu nunca ouvi ensurdece-me, já não ouço as buzinas dos carros que descem o Boulevard Saint-Germain — que horas serão? —, o sino da igreja deve ter gelado também.

A minha filha repete qualquer coisa, deve ser amo-te, adoro-te, é o que ela mais me diz, dantes pedia também um crepe, um bolo, uma sopa, devo ser mãe da única criança do mundo amante de sopa, agora já nem isso. Choro de mais para que ela me possa pedir alguma coisa. Choro demasiado para que alguém acredite nas minhas lágrimas. Não aprendi a chorar em menina, nunca tive pena de nada nem de ninguém — a pena é contra o sentido da História, repete-me o meu pai, que dantes estava na locomotiva do futuro e agora vende *souvenirs* num canto sossegado do nosso defunto Império.

Não sei de quem era aquele jornal francês que me arrastou para este frio derradeiro. Alguém o deixou no banco do jardim em frente aos museus, em Madrid, eu passeava por ali quase todas as tardes com a Zinaida.

O anúncio pedia raparigas bonitas para cabaré distinto, especificava *show* turístico para famílias, nenhuma malícia. Pagavam bem, e eu estava farta de viver de esmolas e solidão, num país de que nem conhecia a língua. Peguei na minha filha e no envelope de pesetas e vim. Fui bem tratada, arranjei um quatinho ao lado do cabaré e durante três anos dancei com um máximo de plumas e um mínimo de roupas para plateias de famílias respeitáveis, japoneses, americanos, deputados em trânsito, homens de negócios, senhoras anafadas — a Darya, coitadinha, é bonita. A Zinaida dormia nos bastidores, primeiro num cestinho, depois num sofá, eu nem ouvia as propostas picantes — não falei com desconhecidos. Alguns escreviam-me — cartas fáceis tecendo loas à minha já tão maçadora beleza. Eu estava encandeada pelos caracóis da minha filha, maravilhoso resultado de uma noite de esperanto.

Mas há sempre uma noite mais escura do que a escuridão do mundo — e essa foi a noite em que conheci um homem que me

chamou coitadinha, um homem que tinha o rosto largo e uns olhos pequenos como agulhas que me lembraram o meu pai. Desse homem aceitei o champanhe e a sedução, subi com ele ao meu quartinho, aconcheguei os lençóis da minha filha e deitei-me com ele. E o homem repetia coitadinha, «*pauvre Darya, si belle, j'ai jamais vu une femme si belle*», e não conseguia entregar-se à minha pobre beleza. E então quis tocar a minha filha adormecida, a minha filha de quatro anos, a minha Zinaida tão inocente que nem o amor de um pai conhecia, e eu disse não e não. Depois da zibelina, das jóias, do último par de sapatos, a minha mãe vendia ratos, ratazanas de rua que acariciava sobre o ombro como gatos siameses, na esperança de que alguém os tomasse por animais domésticos. E o homem insistia, o meu pai tão longe, numa loja de âmbar na Lituânia—e então eu espetei-lhe uma faca na garganta, e depois no coração, e depois no corpo todo, até que a minha filha acordou a gritar e eu fugi com ela.

Nada se compara à doçura dos beijos da Zinaida. Em bebé beijava-me com a chucha na boca, ao mesmo tempo que enrolava fios do meu cabelo nos dedos, e assim adormecia. Agora faz-me festas no cabelo, como se me embalasse, enquanto eu choro e choro e choro. Não temos ar de pedintes, é muito importante para mim, mesmo que por causa disso o dinheiro na caixa de cartão seja cada vez menos, as pessoas desconfiam de uma mulher de *tailleur* cinzento, uma menina de laço na cabeça.

«Atira-te, ou não tens confiança no teu pai?» E a criança atirou-se da varanda do jardim, e o pai deu um passo para o lado para a ver cair no chão, e enquanto o menino de cinco anos uivava de dor—uma perna partida, um braço deslocado—, o pai explicou-lhe que o principal era que ele aprendesse que não se pode confiar em ninguém neste mundo. Em que país aconteceu? De que país são os que se atiram ao rio, ao mar, à morte numa tarde de sol, sem que ninguém saiba? De que país são os que sofrem, de que raça é a dor dos que matam e morrem,.

As histórias que nos contam podem magoar-nos tanto como aquelas que vivemos. Ou mais, porque não temos um rosto onde ancorar o mal. O esperanto dos epitáfios: «*Blã himmel, kamp, fórvandling; En huet gelieft; Aqui xa.ce alguén que nunca quixo morrer,*

*que tivo a sorte de nacer home, non deus; asche to asche; here I lie and cannot lie; intento morir en paz consigo mismo; eindelijk weer onshuldig;perdonin que no m'aixequi; blanchi de fatale farine/salut à vous d'un rien béant/ je suis entre dans la marine/ enfin matelot du néant; amen.»* O esperanto mais ensurdecedor ainda dos enterrados em valas comuns, todos os minutos de todos os dias, na terra democrática desta Europa de grandes palavras. O meu pai amava-me, coitadinho, quase tanto como eu amo a minha filha.

Procurei outro quarto, e depois outro, e outro, e outro. Refugiei-me primeiro no borbulhar da medina de Barbes, depois fui-me afastando cada vez mais para os subúrbios. Tive medo de sair do país, medo que me identificassem numa fronteira e que a minha filha ficasse só no mundo. Pinte os nossos cabelos de negro, a Zinaida ficou triste a olhar para o espelho mas não se queixou. Tem pesadelos com o homem esfaqueado, acorda a meio da noite aos gritos. Desde que dormimos no metro deixou de acordar, dorme encolhida, debaixo do meu corpo, e repete amo-te, adoro-te, com medo que eu volte a abandoná-la à porta de um orfanato ou nas escadas de uma casa iluminada, risos de crianças através das frestas. Há uns quinze dias uma senhora fez-lhe uma festa, depositou uma nota de cinquenta francos na caixa de cartão e fez-lhe uma festa. Eu pedi-lhe que a levasse: «Por favor, leve a minha filha, tome conta dela.» Mas a Zinaida, a minha minúscula Zina, agarrou-se a mim, não e não e não, de qualquer forma a senhora já partira, num passo apressado.

A dor entra pelas pregas do tempo, molda-lhe o tecido, dá-lhe o corpo. A dor dos anjos, sem voz nem terra, sem um ombro onde esquecer os gritos dos que já só pelos olhos gritam. A dor das mulheres que perderam filhos e continuam a rezar diante de um céu trancado, largando lágrimas até que as comportas das nuvens cedam e os seus mortos lhes caiam no colo outra vez. Porque havia um círculo traçado em torno de cada destino, uma espécie de aura incessante que desenhava um sentido para a dor. Sofria-se para servir a alegria, sofria-se para lavar os pecados e merecer a transparência do paraíso. Mas o círculo quebrou-se, a dor enlouqueceu, deixou-se encantar pelo riso desordenado dos

demónios, perdeu a identidade, dança ao acaso sobre o mundo, semeando vítimas à revelia da fé e da redenção.

Que dia é hoje? Sei que estamos perto do Natal porque a cidade está carregada de luzes e as pessoas deixaram de largar moedas na caixa. Têm os braços submersos em embrulhos e correm de um lado para o outro. Sei que é quase sempre de noite, o frio inunda os corredores do metro, a camisola de Zinaida está cada vez mais fina, a geada agarra-se ao interior do casaco, mas ela só fala dos dedos: «Não sinto as mãos, mama, esfrega-me os dedos.»

Acendo o primeiro fósforo, o segundo, o terceiro. A minha filha vai morrer sem ter sentido o calor do ouro nos seus pulsos, o brilho de um anel no mais longo dos seus dedos. O esplendor da Europa sobreviveu sempre do fascínio pelas coisas quotidianas da beleza. Pulseiras, pérolas, diamantes; ou então filigranas, jóias de muito trabalho, que pudessem deitar o brilho das noites que por elas se passaram sem dormir.

Lembro-me de um filme que vi na Suécia, com o homem do esperanto. Era dum alemão que acredita que os anjos têm inveja dos homens—e em particular das mulheres. O filme encontrava a salvação do mundo no amor absurdo, que a si mesmo se basta. Uma mulher atravessa o mundo para salvar um homem. Ela salva-o de coisas simples, como é próprio das mulheres: tiros, detectives, prisões e meliantes. Ele salva-a de coisas complicadas, como é próprio dos homens: solidão, apatia, egoísmo e, sobretudo, rotina. Ambos se salvam, porque há no bem uma força contínua, uma música inesquecível que permanece para lá da fúria ruidosa do mal. Cresci a acreditar na bondade humana e num sol que desceria sobre a terra amanhã, e que tornaria todos os homens felizes e iguais. Do amor soube sempre pouco; os livros que nos davam a ler na escola não incluíam o desregulamento egoísta da paixão. Ensinavam-nos que o companheiro ideal havia de ser honesto e dedicado, que as mulheres deviam ser recatadas e modestas, que a estima e o respeito eram a base das relações humanas. No seu discurso anual, nos congressos do Partido, o meu pai sublinhava que «o Partido não pode permitir a falta de seriedade, a imoralidade, o abuso do álcool e os vícios» e que a juventude teria de ser educada para o trabalho, a

coragem e a pureza. Mas eu, no fundo, só queria pertencer ao clube distante desses jovens em câmara lenta e a cores, com uma minissaia escarlate, uns ténis de marca, uma lata de *Coca-Cola* na mão, e uma banda de rapazes cabeludos a gritar histórias intimistas, sobre um palco afogado em clarões.

Acreditava que o meu pai trabalhava para o bem da humanidade e que por isso nós tínhamos pequenos privilégios, que a longo prazo se tornariam desnecessários. No espelho, às escondidas de mim mesma, eu era uma estrela de cinema. Quantas Ingrid Bergman existirão agora na lista telefónica de Estocolmo? Que interessa? Até nunca gostei muito dela. Sempre preferi a outra, a Dietrich bruta e perversa que passou a Segunda Guerra nas trincheiras, oferecendo aos rapazes sacrificados o sonho de uma rapariga chamada Lili Marlene. No fim da guerra, a suave Ingrid desembarcou em Paris e cruzou-se com ela: «Ah, chegas agora, que a guerra já acabou.» Mas quando é que a guerra acaba?

Se ao menos eu me libertasse desta fé em não sei quê. Se ao menos eu tivesse aprendido a ser uma pessoa, uma existência isolada, uma europeia—um ser com uma determinação individual para a vida, como estes homens e mulheres que se cruzam sem se verem, por sobre a minha cabeça. Mas eu venho de uma nação antiga, criada nas hierarquias, no sonho lento e sentimental do colectivo. Essa crença que me embriaga o sangue não me deixa matar-me e impede-me de viver.

Telefonei várias vezes aos meus amigos médicos, mas nunca encontrei ninguém do lado de lá da linha. Estariam a salvar gente numa qualquer guerra da Europa. A Zinaida deixou de falar: já só sorri, devagar, como se cada sorriso representasse uma vitória, e repete «Mamã». Acendo o quarto fósforo, o quinto, o trigésimo, o sexagésimo fósforo. Tento prolongar a chama de cada um. Sei que vou morrer, que morro aos poucos nos subterrâneos de uma das mais belas cidades do mundo com a minha filha ao colo. Que é a Europa senão um lugar construído pela voz incandescente dos mortos?

O corpo já não me faz falta. Com um corpo, juro-vos, podemos fingir tudo—nações, identidades, diferenças. Um dia fui atropelada,

nessa Leninegrado da minha infância extinta, fiquei com os ossos da perna direita de fora, e apenas senti o calor do sangue. Andei dois passos e depois desmaiei. Agora já não tenho centros de resposta à dor, não tenho senão nada, e tudo o que penso fica escrito na nuvem de gelo que sai da minha boca.

Na minha infância havia um mapa do belo, seguia-se pelo rio da luz e chegava-se lá, a um poente amarelo sobre montanhas roxas no fim do Outono. Todas as moradas do belo continham a cintilação dócil desse sol, por mais distantes que fossem. Não posso deixar que este testemunho se torne num espectáculo de cobardia. Fui sempre cobarde, convictamente, para viver à minha vontade.

Nem era bem cobardia; era antes uma espécie de impertinência útil, que me livrava dos compromissos deles. Eles choravam, eu ligava a televisão para não ver, eles sentiam-se humilhados, embora nunca tivesse sido essa a minha intenção. As mulheres resistem, não há como humilhar-nos; somos sempre excessivamente belas, incansavelmente sobreviventes, e sabemos-lo. Na Rússia ou em França ou em Espanha ou nesse Portugal que nem sequer cheguei a ver. Maquilhamo-nos, dançamos sobre as folhas secas do Outono, amamos desesperadamente pelo *prazer* de nos sentirmos heróicas.

Mas nada é demasiado para uma mulher, nem mesmo a última chama do último fósforo que anima o derradeiro olhar da nossa única filha. Entro num mundo paralelo em que o dia prolonga a cinza da noite e os homens já não lutam; inclinam-se mansamente sobre as dobras do tempo e escutam-no, com o estômago frágil e o espírito de coragem das mulheres.

Não há portas para os territórios familiares da dor, não há como conter a violência dentro do ninho de uma pertença. Há apenas a dor, cintilando como um clarão no chumbo do céu, chuva de estrelas cadentes sem história nem mártires reconhecíveis. Porque há sempre uma noite mais escura do que a escuridão do mundo. Mesmo para quem, como eu, nunca soube escavar até ao fundo dessa gruta negra, transiberiana, húmida, universal, a que chamamos coração.

## PROVENIÊNCIA DOS CONTOS

1. «Só Sexo»: publicado na revista *Egoísta*, Dezembro de 2002.
2. «A Rapariga do Verão Passado»: inédito.
3. «Fica Comigo Esta Noite»: versão retrabalhada do conto com o mesmo título publicado na revista *Egoísta*, Janeiro de 2001.
4. «A Cabeleireira»: publicado em *Os Sete Pecados Capitais*, Editorial Notícias, 1998.
5. «Um Amor na Cidade»: publicado em *O Mistério de Lisboa*, Relógio d'Água, 1993.
6. «Post Scriptum»: publicado na revista *O Escritor*, n.º 11/12, Dezembro de 1998.
7. «A Sombra das Nuvens no Mar»: escrito a convite de Amy Yoes e Fernanda Fragateiro, para o livro-catálogo da exposição/instalação realizada por estas duas artistas no Funchal, em Dezembro de 1993.
8. «Todo o Amor»: versão retrabalhada do conto «Extremosos», publicado a convite de Vergílio Gomes em *Contos de Pousar*, edição Pousadas de Portugal, 2001.
9. «Como de Costume»: publicado em *Doze Histórias de Mulheres*, Publicações Dom Quixote, 1999.
10. «Conversa de Café»: publicado com o título «Café F», na revista *Egoísta*, Junho de 2002.
11. «A Cor dos Anjos»: publicado em *Vésperas de Natal*, Publicações Dom Quixote, 2002.
12. «Europa, Plano Nocturno»: inédito em Portugal; publicado na colectânea *Europaexpress*, que reúne textos dos cem escritores europeus que viajaram no Comboio da Literatura do ano 2000, Editora Eichborn, Berlim, 2001.

## A AUTORA E A OBRA

Inês Pedrosa, escritora e jornalista, nasceu em Coimbra a 15 de Agosto de 1962. Viveu até aos quatro anos em Tomar. Em 1966, a sua família muda-se para Algés. Frequenta o liceu de Oeiras e licencia-se em Ciências da Comunicação na Universidade Nova de Lisboa em 1984. Ainda estudante universitária vai estagiar, em 1983, para o semanário *O Jornal*, transitando no ano seguinte para o *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Após uma breve passagem pelo semanário *O Independente*, muda-se para o *Expresso*. Colaboradora da revista *Ler*, foi directora da *Marie Claire* entre 1993 e 1996. Em 1991, publica uma obra infanto-juvenil: *Mais ninguém Tem*, e, no ano seguinte, o seu primeiro romance: *A Instrução dos Amantes. Nas Tuas Mãos* (1997), o seu segundo romance, foi Prémio «Máxima» de Literatura. Em 2002, sai o seu terceiro romance: *Fazes-Me Falta*. Publicou ainda uma *Fotobiografia de José Cardoso Pires* (1999), uma colectânea de biografias, *20 Mulheres para o Século XX* (2000), e organizou uma antologia de poesia portuguesa, *Poemas de Amor* (2002). Em 2003, edita o seu primeiro livro de contos: *Fica Comigo Esta Noite*.

**FIM**